

4 – Zona Sul: Proximidade física, distância social



Favela Santa Marta – Botafogo,
com vista do Corcovado ao fundo

Foto: Marta do Nascimento, janeiro de
2009

Eu só quero é ser feliz
Andar tranquilamente na favela onde eu
nasci
E poder me orgulhar
E ter a consciência que o pobre tem seu
lugar
(...)

Minha cara autoridade, eu já não sei o que fazer
Com tanta violência eu tenho medo de viver
Pois moro na favela e sou muito desrespeitado
A tristeza e a alegria aqui caminham lado a lado
Enquanto os ricos moram numa casa grande e bela
O pobre é humilhado, esculachado na favela
(...)

Nunca vi cartão postal que se destaque uma favela
Só vejo paisagem muito linda e muito bela
Quem vai pro exterior da favela sente saudade
O gringo vem aqui e não conhece a realidade
Vai pra Zona Sul pra conhecer água de coco
E pobre na favela, vive passando sufoco

Funk Carioca – Rap da felicidade
MC Cidinho e Doca, 1995

Conforme discutido no capítulo 2, a Zona Sul se configurou como a principal área de desenvolvimento econômico da cidade a partir do século XX. Escolhida como local de moradia pelas classes sociais mais abastadas, Hoje a Zona Sul é a área de maior valorização imobiliária, além da presença abundante de equipamentos urbanos e de importantes sub-centros comerciais e de serviços.

Apesar da prosperidade econômica desta área da cidade, ao longo de seu crescimento surgiram importantes concentrações de população pobre, principalmente nas encostas de morros, onde não havia interesse na exploração econômica. Estas concentrações se tornaram hoje importantes favelas, que geram hoje alguns conflitos e contradições na área mais valorizada da cidade.

O principal conflito que pretendemos apontar agora é que a presença de favelas na Zona Sul simboliza uma contradição criada pelo desenvolvimento econômico da cidade e que por isso sempre foi alvo de controle pelo Estado, pelos proprietários fundiários e promotores imobiliários que atuavam na área. Para isso, pretendemos analisar a realidade da Zona Sul com base na discussão teórica até aqui realizada, levando em consideração a lógica econômica que a área esta inserida e sua formação histórica. Para trazer a discussão para o campo do vivido, foram realizadas entrevistas com associações de moradores de bairros e favelas, além de entrevistas com moradores e visitas ao local de estudo.

A aproximação com o local de estudo nos permite discutir os principais conflitos que envolvem a presença de favelas numa área tão valorizada, assim como apontar as implicações espaciais destes conflitos, as consequências para os moradores dos bairros e das favelas. Foram visitadas três favelas na Zona Sul: Santa Marta, Chácara do Céu e Rocinha, onde foi possível conversar com os moradores a respeito dos problemas que enfrentam e a relação com os bairros. Foram feitas também visitas a bairros: Leme, Copacabana, Flamengo, Leblon, onde conversamos principalmente sobre os principais problemas dos bairros, a presença das favelas e a formação das Unidades de Polícias Pacificadoras em algumas favelas.

Além dos moradores, ouvimos também algumas associações de moradores, como a AMAB (Botafogo), AMAF (Flamengo) AMAH (Alto Humaitá), Urca, Jardim Botânico e AmaGávea, onde foi possível observar as relações entre estas associações e seus representantes e as favelas dos bairros onde estão inseridos.

Esperamos, com esta aproximação da realidade do lugar, que seja possível apontar os elementos que expressam a intenção dos atores sociais dominantes para manter a lógica segregadora dos bairros da Zona Sul, assim como as consequências espaciais desta segregação na paisagem, expressa de forma tão contundente nestes bairros.

4.1 – A formação das favelas na Zona Sul

A presença de favelas na Zona Sul da cidade remonta ao início do século XX, coincidindo com o período da ocupação dos bairros da Zona Sul. Concomitantemente com o desenvolvimento urbano da área e a implantação dos equipamentos urbanos necessários a ocupação pelas classes abastadas, a população pobre se dirigiu a área para ocupar áreas não aproveitadas pelo capital imobiliário. Com isso, surgem as primeiras favelas, como a Cerro-Corá (1903), no bairro do Cosme Velho, Julio Otoni (1900), no bairro de Laranjeiras, Mangueira (1901) no bairro de Botafogo¹. Estas favelas, assim como outras surgidas na mesma época, surgiram em terrenos localizados nas encostas dos morros, cedidos por grandes proprietários mediante pagamento de aluguel. Após o aumento do número de moradias, os moradores passaram a reivindicar a posse do terreno.

Quase todas as favelas da Zona Sul têm sua formação anterior a década de 40, período de intenso crescimento da área e de realização de muitas obras de infra-estrutura urbana, além da instalação de vários equipamentos urbanos e de lazer voltados para uma população de alta renda. Estes fatores vão atrair grande número de pessoas para essa

¹ Todas as informações sobre o histórico da formação das favelas da Zona Sul foram retiradas do programa SABREN, Sistema de Assentamentos de Baixa Renda, disponível no PortalGeo, do Instituto Pereira Passos, baseados em depoimentos dos moradores das favelas.

área, que com o controle do Estado e dos próprios atores responsáveis por muitas dessas obras, vão permitir a instalação dos trabalhadores e suas famílias nas áreas próximas aos seus empreendimentos. Muitos desses trabalhadores eram oriundos da região Nordeste, como é o caso da favela Vila das Canoas, em São Conrado, cuja formação está ligada a instalação do Clube Gávea Golf, que permitiu a construção de moradias simples para a instalação de funcionários do clube; da favela Vila Parque da Cidade, formada a partir da instalação de funcionários do Parque de mesmo nome, criado em 1939, com o surgimento da favela datando de 1944. É o caso também da favela Chácara do Céu, que tece sua formação a partir de 1920, com a instalação de trabalhadores nos terrenos pertencente a companhia Miranda Jordão, que pretendia instalar no Morro Dois irmãos uma linha férrea. Os trabalhadores da companhia fixaram residência e deram início às obras, mas a linha férrea nunca foi implantada, com o caminho aberto pelos trabalhadores vindo a se tornar a atual continuação da Avenida Niemeyer. A favela Chácara do Céu, conforme relato de uma moradora presente na favela desde sua formação, *“cresceu junto com o bairro do Leblon, e eles (o bairro), não se incomodavam com a gente, porque todo mundo trabalhava por aqui, não havia tanta bandidagem”*.

Muitas outras favelas podem ser citadas neste contexto de formação da Zona Sul como área voltada para moradores de alta renda. Muitas se instalaram no entorno de parques, hospitais ou em bairros de franca expansão imobiliária, como foi o caso de Flamengo, Botafogo e Copacabana. A força do ramo de construção civil e posteriormente a necessidade de mão-de-obra em serviços para atender a população de classe alta vai atrair grande parte dos trabalhadores pobres que chegavam a cidade, principalmente os migrantes oriundos de estados do Nordeste. Os agentes produtores do espaço, neste caso entende-se o Estado e os agentes imobiliários, vão “determinar” onde esta população pobre pode se instalar na Zona Sul, em locais onde ela possa servir como mão-de-obra barata sem atrapalhar a acumulação de capital. Algumas das mais importantes favelas da Zona Sul da cidade, como o Pavão-Pavãozinho e Cantagalo em Copacabana, Morro Azul no Flamengo e

Santa Marta em Botafogo, formadas basicamente por trabalhadores originalmente da região Nordeste que vinham para trabalhar no ramo da construção civil, que demandava grande número de trabalhadores para esses bairros, posteriormente sendo ocupados pela grande demanda de serviços que a área exige. Nos depoimentos dos moradores antigos de bairros como Flamengo, Botafogo e Copacabana, todos afirmam que os moradores das favelas dos bairros trabalhavam principalmente na construção civil e em serviços dos prédios, como porteiros, eletricitistas, etc. As mulheres eram babás e empregadas domésticas.

Portanto, as favelas na Zona Sul tinham uma razão de existir dentro da lógica de acumulação do capital vigente na cidade: servir como reserva de mão-de-obra barata para atender as demandas de indústrias e serviços na área. No período citado, os transportes eram precários e caros, atendendo, portanto somente a população abastada dos bairros e deixando clara a necessidade dos trabalhadores pobres de residirem próximos ao seu local de trabalho. Nas décadas de 1930 e 1940, a Zona Sul era a área da cidade que mais crescia, pois já era praticamente toda coberta por infra-estrutura urbana básica, como água, esgoto, iluminação, coleta de lixo e transportes públicos. Vias largas, adaptadas a utilização do automóvel, grandes residências, hotéis de luxo, importantes teatros e cinemas, tudo para servir a população que se dirigia para a área nobre da cidade.

Junto com essa demanda, estavam as populações pobres em busca de subsistência e moradia. Ao contrário dos já imponentes bairros da Zona Sul, as favelas da área não possuíam nenhum tipo de equipamento urbano, estando a população à mercê das imposições dos moradores e do Estado. A falta de equipamentos urbanos era justificada na época porque as favelas eram ocupações ilegais, não regulares, portanto, não faziam parte da cidade e das obrigações do Estado. Segundo depoimento de moradores do Cantagalo², no bairro de Ipanema

as poucas famílias pediam para encher suas latas d'água nas bicas dos jardins das residências da

² Disponível no site do SABREN, do IPP

Rua Saint Roman. Depois, os moradores passaram a descer pelo Caminho da Pedreira e percorrer a Humberto de Campos, batendo de casa em casa. A situação chegou a tal ponto que era preciso pegar água em uma bica em frente à Favela da Catacumba, na Lagoa.

A situação das favelas era precária, tanto na Zona Sul como em outras áreas da cidade. Mas queremos chamar a atenção aqui da distância que existia entre moradores de bairros e moradores de favelas, principalmente quanto a presença de infra-estrutura urbana. Ao mesmo tempo, como as favelas serviam como fonte de mão-de-obra barata para a construção civil e outras atividade da área, foram sendo toleradas e controladas, vigiadas pelos atores sociais dominantes. Podemos citar vários exemplos deste controle, como a presença da Igreja (conforme Capítulo 2), além do controle do próprio Estado, como era o caso nas favelas do Cantagalo e Chapéu Mangueira (Leme). No Cantagalo, foi instalado um Posto de Observação de um destacamento do Forte de Copacabana. Segundo moradores, enquanto esteve lá, o Posto de Observação praticamente controlava a ocupação na área, permitindo apenas a permanência dos barracos já existentes. Com a sua desativação, na década de 1980, os mini-sítios dos ocupantes pioneiros foram retalhados e ocupados, gerando uma configuração próxima à atual. No caso do Chapéu Mangueira, as construções foram também permitidas pelo quartel do exército da Praia Vermelha, tendo sido impostas algumas condições, como a proibição de construções acima da cota oitenta e abaixo da cota trinta e seis. A vigilância sobre as favelas da Zona Sul tem uma razão de existir, a valorização imobiliária e a importância econômica e política da região.

Na Zona Sul, a construção de barracos era proibida, mas desde 1907 já existiam barracos em Copacabana, e em 1916 barracos se proliferavam por Botafogo e Leme. A construção de barracos era acompanhada pela repressão, que tentava impedir à força a ocupação das encostas e áreas alagadiças ainda não utilizadas pelo capital imobiliário (ABREU e VAZ, 1991, p. 5; VALLADARES, 1978, p. 22).

Durante o período que vai de 1940 a 1960, ocorreram diversas intervenções no espaço urbano da Zona Sul para tentar impedir o avanço das favelas, mas até então essas intervenções eram pontuais, conforme as citadas anteriormente.

A Zona Sul vai ter grande participação no contingente de favelas devido ao grande crescimento que se inicia na década de 1940 e vai até os anos de 1970, quando a Zona Sul passa por intenso processo de valorização e verticalização. Os bairros mais antigos, como Glória e Catete, vão estabilizar seu crescimento, mas os bairros do Flamengo, Botafogo, Copacabana e Ipanema vão passar por forte processo de verticalização, em pouco tempo praticamente deixam de existir residências unifamiliares. É este mesmo processo que vai gerar as intensas contradições que vão surgir com força no período citado. A demanda das construções civis vão atrair grande número de trabalhadores pobres para os bairros da Zona Sul, muitas vezes vindos do Nordeste pelas já consolidadas redes familiares de migrantes, o que entra em contradição com o conteúdo social dos bairros, voltados para população de alta renda. Devido a localização privilegiada das favelas da Zona Sul, é necessário então que o Estado atue de certa forma com um controle mais efetivo da área, para impedir o avanço das áreas de favelas em bairros nobres da cidade. Esta política estará marcada pelas remoções de algumas favelas na Zona Sul, assim como pela resistência por parte dos moradores.

4.1.1 – A política de Remoções: a atuação do poder público na área mais valorizada da cidade

As favelas passaram a ser percebidas na paisagem a partir da década de 1930, principalmente a partir do código de obras de 1937, ainda durante o Estado Novo, onde eram proibidas as criações de novas favelas, que eram vistas como uma patologia, uma doença. Nesse período surgem as primeiras políticas públicas de remoções de favela e erradicação da pobreza (REIS, 2008, p 4). Segundo Valladares (1978, p.

22), *“tão logo começaram a se impor no espaço urbano, as favelas passaram a ser motivo de preocupação e objeto de inúmeros projetos”*. O “problema das favelas” era visto como algo que precisava ser retirado da paisagem da cidade para que não incomodasse os lugares *“altamente valorizados”*, se referindo diretamente ao centro e a Zona Sul da cidade. Já se via Copacabana como cercado por um *“cinto de favelas que vem descendo a encosta”* (ZALUAR E ALVITO, 2004, p. 13-14).

Fica claro nesta discussão que a favela já era uma importante contradição no solo valorizado da Zona Sul, mas a presença de pobres nessa localidade era não somente tolerada como muitas vezes incentivada pelas empresas de construção civil, de bondes e linhas férreas, conforme discutido no tópico anterior. Muitas empresas permitiam a instalação dos trabalhadores nos locais próximos às obras ou ao empreendimento, como forma de minimizar a distância física dos bairros pobres. *“A descoberta da favela pela sociedade civil não nasceu de uma preocupação com a qualidade de vida de seus moradores, e sim do incômodo que eles causavam à classe média”*, argumenta Marcelo Baumann (2003).

Este incômodo ficou mais evidente conforme aumentava a urbanização da Zona Sul, com a tentativa de criar um espaço mais organizado, planejado, voltado para uma maior qualidade de vida, como foi o caso dos bairros do Leblon e Ipanema, justamente os bairros onde se iniciam as remoções.

A política de remoções de favela que se inicia ainda no Estado Novo e só vai terminar no contexto da redemocratização política vai seguir a linha da renovação e da necessidade de limpar a cidade daquilo que não é a cidade, do que não é formal. Podemos apontar dois períodos principais desta política, um iniciado no governo Henrique Dodsworth e outro nos governos Carlos Lacerda/Negrão de Lima, já durante a ditadura militar. Essa política remocionista esteve bastante concentrada em retirar as favelas das áreas nobres da cidade, em bairros onde as favelas atrapalhavam as pretensões imobiliárias dos atores sociais dominantes.

Iniciam-se então as remoções de favelas na Zona Sul já em 1941, com a desculpa de higienizar as áreas e tirar as pessoas de áreas de

risco. O primeiro grande projeto de intervenção ocorreu de 1941 à 1943, quando a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro destrói quatro favelas, entre elas o largo da Memória, no Leblon (Foto 10) e remove suas populações para Parques Proletários da Gávea, do Caju e do Leblon, vindo depois estes parques a serem considerados favelas e sendo removidos novamente.

Foto 10 – Leblon e Lagoa em 1936

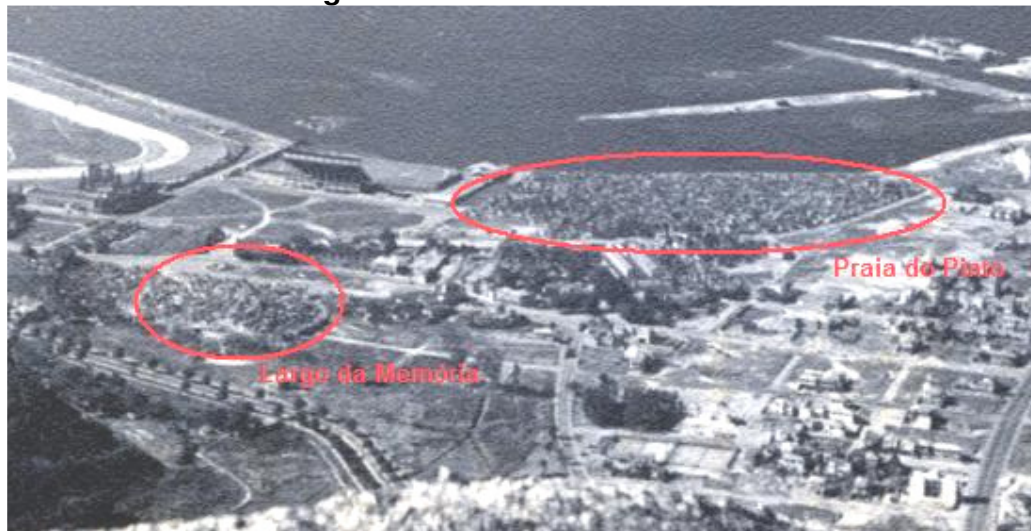


Foto: Blog Foi um RIO que passou.com.br

A imagem mostra o bairro do Leblon em 1936, com destaque para as já existentes favelas da Praia do Pinto, na orla do bairro da Lagoa, e Largo da Memória, no Leblon. Os bairros já apresentavam uma organização viária e equipamentos urbanos que atraíam grande contingente de população de alta renda. Vale ressaltar a rapidez da ocupação irregular, já muito expressiva, com a presença do estado e dos agentes imobiliários que atuavam nos bairros abastados de forma mais lenta.

A imagem deixa clara a necessidade de se remover estas favelas para manter os bairros organizados, conforme a necessidade da acumulação de capital. Primeiramente foi removida a favela do Largo da Memória, e posteriormente a Praia do Pinto. Em 1955, é construída a Cruzada São Sebastião, um conjunto habitacional no Leblon, que recebe parte dos moradores removidos da Praia do Pinto, por iniciativa da Igreja Católica.

Podemos dizer que essas primeiras remoções vêm dentro de um contexto maior de valorização do solo urbano, conforme aponta Valladares (1978, p. 14):

a política de erradicação de favelas fazia parte de um processo geral de renovação urbana da metrópole, de reorganização do uso do solo, enfim, de desenvolvimento urbano, ou do próprio quadro geral de transformações por que passava a sociedade brasileira

A partir de 1948, acirram-se os discursos sobre remoções de favelas a partir da figura do então Jornalista Carlos Lacerda, numa série de artigos intitulada “a Batalha do Rio de Janeiro” ou “Batalha das favelas”. Já como governador, de 1960 à 1965, inicia uma política remocionista a partir da COHAB-GB (ZALUAR E ALVITO, 2004, p.15), e em seu governo a principal favela removida foi a do Pasmado, em Botafogo, um local onde houve muita resistência contra a remoção, pois ainda não havia o aparato de força policial do governo militar.

Já no governo Negrão de Lima (1966-1970) se intensificam as remoções na Zona Sul da cidade, quando as favelas passam por grande crescimento e atrapalham muito os interesses das classes dominantes. Em 1968, sob o comando da CHISAM (Coordenação da Habitação de Interesse Social da Área Metropolitana do Grande Rio), surgem projetos do governo federal que visam realmente a extinção completa das favelas em áreas valorizadas, e eliminam as principais formas de resistência, como as associações de moradores, além da criação de construção de casas populares (VALLADARES, 1978, p. 29). Não é nosso objetivo aqui discutir esses projetos, e sim tentar analisar as contradições na produção do espaço urbano que eles evidenciam. A partir de 1968, várias favelas foram removidas da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, que a esta altura já estava consolidada como área de intensa especulação imobiliária e valorização.

A permanência das favelas na Zona Sul tornou-se mais incômoda, ficando clara a intenção de se embelezar e valorizar ainda mais essa área

da cidade, visto que o programa de remoção se concentrou basicamente na Zona Sul. Assim, até 1970, foram removidas as favelas da Praia do Pinto, Catacumba, Piraquê e Ilha das Dragas, no bairro da Lagoa, e Macedo Sobrinho, no bairro do Humaitá. Estas favelas surgiram no bairro da Lagoa em um momento em que o bairro não tinha tanta importância econômica quanto Copacabana e Ipanema, mas posteriormente foi apropriado pelo capital imobiliário, se tornando hoje um dos bairros mais valorizados da cidade e livre de favelas. O discurso que predominou na política remocionista era de que não se podia permitir a existência de nichos de desordem urbana em áreas nobres da cidade, em uma cidade com tanta vocação turística (COSTA et al, 2009, p.15).

As favelas citadas foram removidas das áreas nobres, retirando milhares de pessoas desses bairros e levando para áreas distantes, na periferia, negando aos seus moradores o direito à habitação onde melhor lhe couber, sendo negado, portanto, o direito à cidade, pois ali estavam garantidos a essa população a acessibilidade aos principais meios de transporte e ao principal mercado de trabalho da cidade, apesar de negado o acesso à infra-estrutura urbana mais básica como saneamento e coleta de lixo. Para essa população, era preferível morar em barracos de madeira e de zinco, com nenhuma infra-estrutura, mas próximo de amplo mercado de trabalho e da maior possibilidade de garantir a subsistência, do que ser removido para conjuntos habitacionais muito distantes, com pouca infra-estrutura.

Foto 11 – Favela Praia do Pinto, Lagoa – Dezembro de 1967



Fonte: site Favela tem Memória

Favela removida em 1969, após grande incêndio, que não foi apurado se acidental ou não. A favela chegou a ser a maior da Zona Sul, chegando a ter cerca de 40 mil moradores e barracos, em sua maioria, bastante precários. No lugar da Praia do Pinto foram erguidos prédios destinados a famílias de classe média e militares, conhecidos atualmente como Selva de Pedra. Grande parte dos antigos moradores foram removidos para o Complexo da Maré (Zona Norte), Cidade de Deus e Vila Kennedy (ambas na Zona Oeste)

Foto 12 – Morro do Pasmado, Botafogo – janeiro de 1962



Fonte: site Favela tem Memória

Favela removida em 1964; após a saída dos cerca de 2 mil moradores as casas foram incendiadas. A então secretária de Serviço Social Sandra Cavalcanti divulgou toda a operação na imprensa, o que atraiu muitos curiosos ao local para assistir a remoção das casas da encosta do morro do Pasmado.

Remoções pontuais também aconteceram por toda a Zona Sul em nome de intervenções urbanas realizadas pelo Estado e por agentes imobiliários. Segundo Valladares (1978, p. 32)

Os “interesses da cidade” também tiveram seu papel. A avenida que margeia a Lagoa Rodrigo de Freitas, por exemplo, foi alargada nas áreas anteriormente ocupadas pelas favelas da Ilha das Dragas, Piraquê e Avenida dos pescadores; o limite sul da favela da Rocinha foi transformado em saída do túnel Dois Irmãos; obras de sustentação de encostas foram realizadas logo após a remoção de cinco pequenas favelas, localizadas sobre o túnel novo e na Avenida Niemeyer

Outro exemplo que podemos citar destas intervenções pontuais foi a remoção de barracos da favela Morro Azul para a construção da estação de Metrô do Flamengo. Segundo relatos de moradores obtidos em nossos campos, a área escolhida para a estação do Metrô era predominantemente formada por barracos de madeira bem humildes, que foram retirados com a desculpa de insalubridade. Só permaneceram na favela os moradores que podiam construir casas de alvenaria, apoiados pela Igreja Católica. Segundo relatos de uma moradora da rua Marques de Abrantes, próxima a estação de Metrô e da entrada da favela Morro Azul,

Em determinado momento, a trinta e tantos anos atrás [no período das remoções na cidade], um pouco antes da chegada do Metrô, eles definiram que quem tivesse casa de cimento poderia continuar, quem pudesse colocar em ordem, seguir tipo um plano diretor, ficaria. Quem não tivesse condições seria removido, e isso que aconteceu.

As remoções não significaram que a população removida não voltou para o local de origem. Estudos mostram que na maioria das vezes as populações retornaram e ocuparam outras favelas da Zona Sul, como a Rocinha, Vidigal, Cantagalo, que sofreram incremento populacional nas últimas décadas. Removidos para lugares muito distantes, como

Paciência, Senador Camará (Vila Kennedy), Jacarepaguá (Cidade de Deus), longe do centro da cidade, a grande precariedade de transportes e de infra-estrutura urbana fizeram com que muitos vendessem suas casas e retornassem para favelas da Zona Sul (VALLADARES, 1978)

As favelas da Zona Sul surgiram com a função de reserva de mão-de-obra barata e seriam até então uma reserva de mão-de-obra desqualificada nas proximidades dos locais onde mais se utiliza mão-de-obra em serviços. Esta contradição, segundo Davis (2006, p. 39), se torna clara quando os pobres precisam otimizar o custo habitacional com a distância do trabalho. O que vai importar, portanto, é a proximidade do local de trabalho, mais que a qualidade da moradia e das condições de vida, visto o alto custo dos transportes coletivos na cidade e do tempo perdido nas viagens.

As consequências das remoções foram muitas. “Livrou” o bairro da Lagoa da ameaça das favelas³, liberou áreas para a especulação imobiliária e a atuação do Estado diretamente garantiu a manutenção da segregação na cidade, pois a retirada da favela contribuiu para elevar o padrão social de alguns bairros da Zona Sul. Apesar disso, não contribuiu para diminuir a população favelada na Zona Sul, nem para reduzir a heterogeneidade social da Zona Sul como um todo. As décadas de 1970 e 1980 conheceram os maiores incrementos de população favelada na cidade, além do aumento do número de favelas, apesar desse movimento ter sido menor na Zona Sul da cidade. O período juntou um momento de crise econômica no mundo e de ausência de políticas públicas realmente eficazes voltadas para atender as necessidades das populações pobres. A política de remoções passa por intenso desgaste, principalmente com a opinião pública, a partir do final da década de 1970, quando a política em relação as favelas se modifica para a questão da urbanização das favelas, principalmente a partir do governo Brizola, conforme discutido no Capítulo 2.

³ Segundo o jornal O Globo de 11/04/2009, projeções de especialistas em urbanismo afirmam que, se não tivessem ocorrido as remoções das favelas na Lagoa, hoje o bairro teria cerca de cem mil pessoas morando em favelas.

Durante os últimos vinte anos, a discussão sobre remoções esteve adormecida, principalmente devido a atuação de governos populistas. Tornou-se “politicamente incorreto” discutir as remoções. Na atualidade, o assunto remoções voltou à cena política, principalmente movida pelo discurso ambiental. Muitas políticas de contenção e de remoção de favelas agora são motivadas pela criação de áreas de proteção ambiental e de embelezamento da cidade com grande vocação para o turismo. Segundo a reportagem do jornal O Globo (COSTA et al, 2009, p.15) o discurso atual defende que pequenas favelas deveriam já ter sido removidas, como é o caso da Chácara do Céu, Chapéu Mangueira e Tabajaras, por coincidência todas localizadas na Zona Sul do Rio de Janeiro, defendendo ainda que a remoção justificada pela questão ambiental é legal.

É importante ressaltar que toda a discussão sobre remoções envolve a lógica de desenvolvimento da cidade e a discussão sobre o direito à cidade, pois ela determina onde as pessoas devem se localizar na cidade e quem tem direito de ficar nos bairros. No espaço urbano carioca as favelas sempre representaram, de certa forma, uma contradição aos interesses dos agentes sociais dominantes, e entendemos que a política remocionista expressa um dos elementos que demonstram a intenção dos atores sociais dominantes em manter a lógica segregadora da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.

4.2 – As favelas na Zona Sul

Mesmo após as remoções, totais e pontuais, a população favelada na Zona ainda passou por incremento populacional. Enquanto algumas favelas foram extintas do mapa da cidade, surgiam novas favelas, pois a dinâmica da lógica capitalista de produção, acirrada a partir da política neo-liberal, continua a gerar sempre uma massa eterna de excluídos, de pessoas lutando pela subsistência, e a Zona Sul ainda se configura como um dos lugares da cidade que oferece maior número de empregos de

baixa remuneração (atuando em serviços). Abaixo apresentamos o Mapa 02 com a localização atual das favelas da Zona Sul⁴ e a tabela com a contagem populacional das áreas faveladas, além da área ocupada. A partir da Tabela XX, é possível observar o crescimento das áreas ocupadas pelas favelas.

⁴ A favela da Maloca, que se encontra no mapa, foi removida em 2005 por ação judicial de reintegração de posse, não estando presente, portanto, na tabela

Mapa 02: Localização das favelas – Zona Sul do Rio de Janeiro / 2009

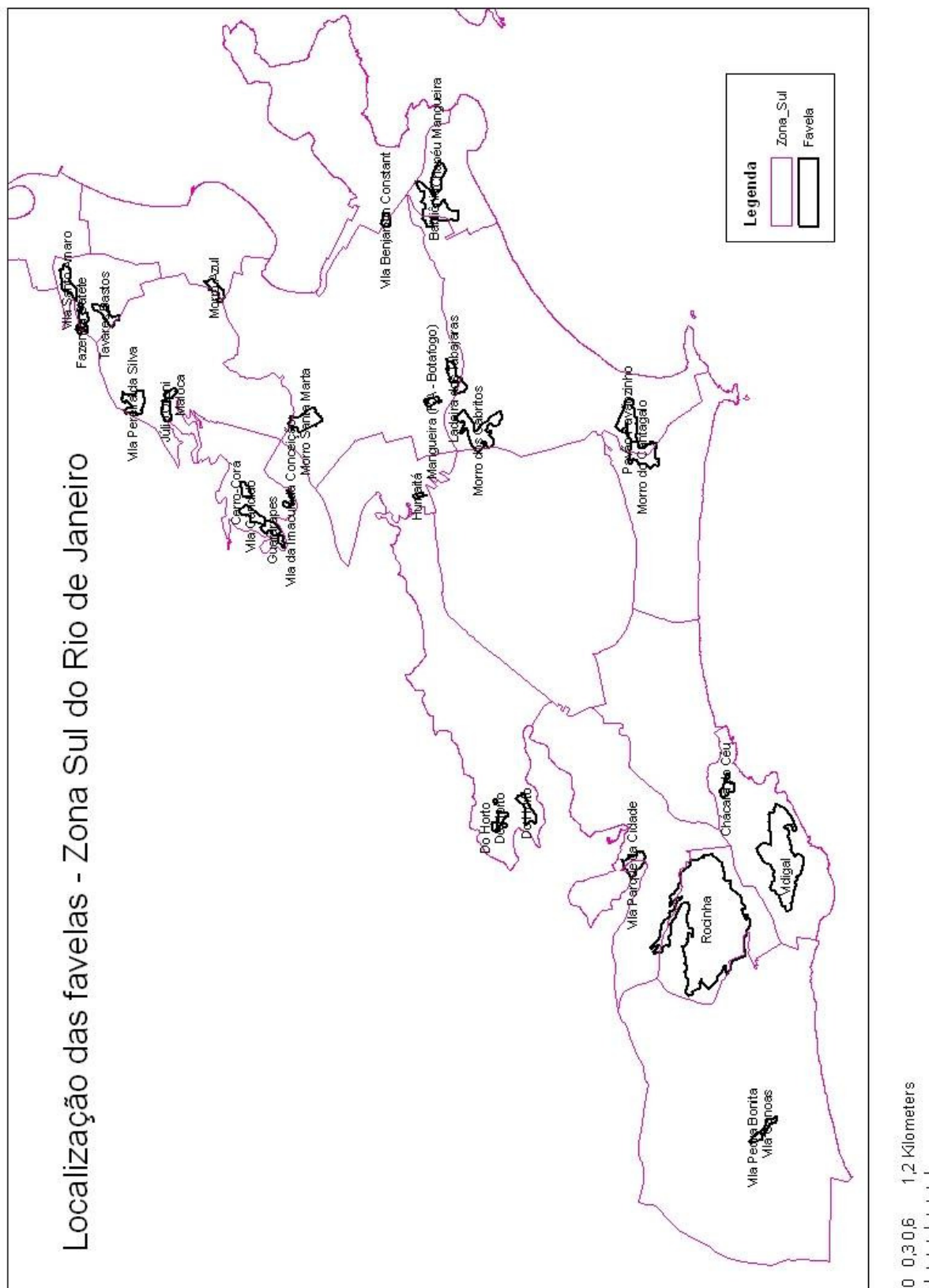


Tabela 03: dados populacionais da população favelada na Zona Sul do Rio de Janeiro⁵

Favelas	Bairro	Nº de moradores (IBGE/2000)	Nº de domicílios	Área ocupada (m2) em 1998	Área ocupada (m2) em 2008	Variação média
Babilônia	Leme	1.426	381	89.233	90.104	0,98%
Benjamin Constant	Botafogo	460	134	12.641	12.641	0,00%
Cantagalo	Copacabana	3.884	1.009	64.377	64.949	0,89%
Cerro-Corá	Cosme Velho	1.012	256	13.369	13.369	0,00%
Chácara do Céu	Vidigal	1.113	314	21.354	20.943	-1,92%
Chapéu Mangueira	Leme	1.146	311	34.075	34.595	1,53%
do Horto	Jardim Botânico	447	122	59.248	59.213	-0,06%
Fazenda Catete	Catete	292	96	22.536	24.367	8,12%
Guararapes	Cosme Velho	735	138	27.966	28.039	0,26%
Humaitá	Humaitá	389	97	5.361	5.361	0,00%
Julio Otoni	Laranjeiras	216	70	17.680	19.003	7,48%
Ladeira dos tabajaras	Copacabana	1.051	317	32.526	33.674	3,53%
Mangueira	Botafogo	635	199	10.929	10.929	0,00%
Morro Azul	Flamengo	1.213	332	23.470	23.241	-0,98%
Morro dos cabritos	Copacabana	2.040	637	95.945	96.564	0,65%
Pavão-pavãozinho	Copacabana	4.256	1.283	60.918	63.820	4,76%
Pedra Bonita	São Conrado	463	122	9.484	10.006	5,50%
Pereira Silva	Laranjeiras	1.011	279	45.071	45.071	0,00%
Rocinha	Rocinha	56.338	16.999	852.968	865.031	1,41%
Santa Marta	Botafogo	4.520	1.262	55.123	54.692	-0,78%
Santo Amaro	Catete	1.261	343	35.931	35.931	0,00%
Tavares Bastos	Catete	1.052	337	27.640	27.751	0,40%
Vidigal	Vidigal	9.364	2.757	293.116	294.093	0,33%
Vila Cândido	Cosme Velho	1.107	306	26.869	27.503	2,36%
Vila Canoa	São Conrado	1.618	456	9.348	10.410	11,36%
Vila Imaculada Conceição	Cosme Velho	106	31	5.891	5.891	0,00%
Vila Parque da Cidade	Gávea	2.304	666	39.827	39.827	0,00%
Total		99.459		1.992.896	2.017.018	1,21%

Conforme observamos na Tabela 01, a Zona Sul, após as remoções, foi a área onde houve maior controle da população favelada e das áreas ocupadas pelas favelas, que nas últimas décadas apresentou crescimento muito pequeno ou quase nulo (média de crescimento de 1,21%), segundo dados do Instituto Pereira Passos e do IBGE, que

⁵ Os dados de população e domicílios são ESTIMATIVAS com base nos resultados do Censo Demográfico 2000 do IBGE. Foram obtidos através da compatibilização entre os limites do cadastro de favelas do IPP e os dos setores censitários do IBGE.

apontam também a Zona Oeste como a área onde ocorreu maior incremento de população favelada na cidade e grande expansão territorial (esta área teve incremento de cerca de 6% da área ocupada por favelas). Mesmo assim, os dados comprovam que, mesmo com as remoções da década de 1960 e 1970, a população favelada ainda é muito grande na Zona Sul, espalhando-se por quase todos os bairros. Segundo os dados oficiais do último censo, são quase 100 mil moradores de favelas presentes nos bairros da Zona Sul, diante de uma população total de cerca de 630 mil moradores, o que significa que atualmente a população de favela representa cerca de 16% da população da Zona Sul.

Os motivos para uma expansão territorial menos intensa são muitos: As barreiras naturais e impostas pelo Estado que impediram a expansão da favela, como é o caso de muitas favelas da área visto que essas ocupam predominantemente as encostas, o intenso controle por parte do Estado, principalmente justificado pelas questões ambientais e de áreas de risco. As remoções continuaram na Zona Sul, mas sempre pequenas e muito pontuais, como foi o caso da favela da Maloca, no bairro de Laranjeiras em 2005, removida devido a solicitação de reintegração de posse do terreno.

Foto 13 – Vista das Favelas Chácara do Céu e Vidigal



Foto: Marta do Nascimento, 2009.

A foto mostra parte das favelas Chácara do céu e Vidigal, localizadas ao longo da Avenida Niemeyer. Em destaque o grande paredão que impediu a expansão das duas favelas por toda a encosta, além da construção de um muro na favela Chácara do Céu, para impedir o avanço da favela para o Parque Penhasco Dois irmãos.

Na contramão da expansão territorial A população moradora de favelas passou por importante incremento nas últimas décadas, conforme já citado anteriormente, inclusive retornando das remoções para outras favelas. Hoje na Zona Sul as favelas representam um grande contingente populacional diante da população da Zona Sul. Segundo dados do Censo 2000 (CEZAR, 2002, p. 6) na década de 90 a população passou por pequeno crescimento, mas não devido a sua expansão horizontal, e sim por um adensamento vertical, no caso

um adensamento das favelas antigas, mais do que expansão horizontal ou novos assentamentos. No caso da RA da Lagoa⁶, a taxa de crescimento (2,71% ao ano) foi superior à média da cidade (2,40%). Em média, a população dos setores subnormais da Zona Sul cresceu quase 2% ao ano, enquanto a população dos setores normais “encolhia” 0,6% ao ano.

As favelas da Zona Sul passaram, portanto, por um crescimento populacional sem expansão de área, o que indica um processo de verticalização pelo qual passaram algumas das favelas da área. Algumas favelas hoje têm muitas casas de mais de dois andares e até pequenos prédios, como é o caso das favelas da Rocinha e de Santa Marta.

⁶ Os bairros que compõem a VI Região Administrativa da Lagoa são: Gávea, Ipanema, Jardim Botânico, Lagoa, Leblon, São Conrado e Vidigal.

Foto 14 - Favela Santa Marta – 2009

Foto: Marta do Nascimento, 2009.

Foto da favela Santa Marta, da altura da estação 3 do bondinho. Destaque para prédio construído pelo Estado para famílias removidas do próprio morro de áreas de risco. Destaque também para a presença da câmera de segurança, no alto do poste, que vigia parte do morro.

Este crescimento populacional das favelas da Zona Sul pode significar que houve um retorno de parte dos removidos podem ter retornado ao local de origem, assim como pode significar um aumento da pauperização de algumas classes, que podem ter recorrido as favelas da região como forma de estar próximo ao amplo mercado de trabalho. É importante destacar que a favelização da Zona Sul, na última década, está inserida dentro de um contexto maior da cidade, de favelização também de outras áreas da cidade e pauperização da classe média, principalmente da Barra da Tijuca e Recreio, que representam a principal área de expansão econômica da cidade. Áreas como Zona Sul e Barra da Tijuca apresentam hoje os maiores crescimentos de favelas da cidade.

Conforme já foi explicado aqui, as redes familiares de nordestinos representam um grande crescimento das favelas da Zona Sul e Barra, pois representam a segurança e maior possibilidade de ascensão econômica. O favelado da Zona Sul, portanto é predominantemente de origem Nordestina, voltado para os trabalhos ligados à serviços domésticos, como empregadas, faxineiras, porteiros, babás e motoristas.

De todos os moradores que conversamos no Santa Marta e na Rocinha, a grande maioria era dos mesmos estados do Nordeste, predominavam moradores originários do Ceará, e quase todos ocupados em funções de serviços destacadas acima, além de ambulantes, trabalhando na própria favela.

Na Zona Sul, a presença de classes tão antagônicas convivendo juntas em um mesmo território gera intensos conflitos (não formais). As favelas da Zona Sul possuem uma dinâmica própria, mas fechadas em si mesmas, muitas vezes devido a população das favelas não participarem do cotidiano de lazer e consumo dos bairros onde está presente. Na verdade, observamos em nossas visitas que os cotidianos dos bairros e das favelas são completamente antagônicos, e que estes cotidianos diferenciados contribuem para o afastamento simbólico das classes. Observamos também que os moradores das favelas vivenciam duplo cotidiano, o cotidiano da favela e, de certa forma, o cotidiano dos bairros. É importante também observar que essa diferença é percebida por ambos os moradores de bairros e das favelas, conforme observamos no depoimento de um morador do Santa Marta, ao ser questionado sobre como os moradores do bairro se sentem a respeito da favela, ele diz que os moradores dos bairros sentem “intimidados, medo, pena. Mais mal sabem eles que somos pessoas do bem, que não somos marginais e que a vida aqui é simples mais é muito bem vivida. A integração, a diversão e a nossa cultura é rica”, diferenciando-se dos demais moradores.

Realmente a diferença é visível. Em nossas visitas quando percorremos as ruelas das favelas e as ruas dos bairros, observamos um ritmo completamente diferente, de circulação, de integração e de vivência do espaço. Ritmos de vida que se misturam devido ao convívio das classes, principalmente no tocante ao mercado de trabalho. Mas nem sempre essa mistura de cotidianos tão distintos é bem vista pelos moradores, principalmente pelos moradores de bairros, localizados próximos às áreas de contato, as fronteiras entre as classes sociais. Sobre os conflitos que observamos nestes locais, falaremos mais claramente nos próximos tópicos.

Com toda esta discussão queremos salientar e exemplificar o processo de segregação social que ocorre na Zona Sul da cidade, por apresentar esta mistura de paisagens e estes cotidianos duplamente vividos, o processo de segregação é marcado por uma distância social com uma proximidade física, conforme já discutido no capítulo 1. Diferentes grupos sociais estão presentes na área, que se apresenta, portanto, bastante heterogênea quanto aos grupos sociais presentes, o que não significa que exista interação entre os grupos, que ambos vivenciem o mesmo cotidiano e tenha acesso aos mesmos bens e serviços oferecidos pelo Estado.

Foto 15 – Favela Santa Marta



Foto: Marta do Nascimento, 2009.

A vista lateral da favela Santa Marta nos permite observar claramente a diferença na paisagem do bairro e da Favela. Em muitos bairros do Rio de Janeiro essa diferença não é tão visível, mas a intensa valorização dos bairros da Zona Sul, com a presença predominante de edifícios para as classes média e média-alta, deixa em evidência este contraste nas formas de construção.

Entendemos, portanto, que a presença das aglomerações de populações pobres em uma das áreas mais valorizadas da cidade representa uma contradição, ou uma forma de resistência dessas populações contra uma realidade urbana organizada de forma excludente, que estabelece áreas voltadas para a riqueza e para o poder e mantém a

exclusão de grande massa da população. Esta exclusão nem sempre é física, como é o caso da Zona Sul carioca, pois a vivência cotidiana diferenciada e a falta de igualdade no acesso a bens e serviços também se constituem como uma forma de exclusão. Cotidianos diferentes contribuem para aumentar a distância social, e esta se materializa na paisagem, principalmente nas áreas de contato entre as classes sociais. Estas áreas são agora nosso objeto de estudo.

4.3 - Conflitos e contradições - A idéia de fronteira como contato: como se dá a relação entre a cidade legal e a cidade ilegal

As favelas da Zona Sul, por serem predominantemente localizadas em encostas, possuem basicamente uma entrada principal, ou seja, um acesso ao bairro. É sobre estas áreas que gostaríamos de focar aqui para buscar exemplificar os conflitos que surgem no cotidiano quando classes sociais tão antagônicas convivem em um mesmo local.

Para isto, gostaríamos de deixar claro o que estamos entendendo por fronteira, ou fronteira social. O campo de estudos sobre fronteira sempre teve uma tendência muito política, uma forma de ver a fronteira como uma delimitação política pré-existente, deixando de lado questões simbólicas ou culturais. Recentemente, com a difusão da idéia de fim das fronteiras, com o surgimento de blocos econômicos como a União Européia e o chamado “fim das distâncias” devido à revolução tecnológica, a idéia de fronteira toma novas formas. Alguns autores defendem que a compressão espaço-temporal aconteceu seletivamente e que o acesso à informação eliminou algumas limitações para criar novos limites substanciais (JONES, 2008, p.10). Concordamos com essa idéia por entendermos que novos limites vão sendo criados a partir da dimensão simbólica, entre outros fatores, e que essa questão vem sendo deixada de lado nos estudos sobre fronteiras.

As ciências sociais têm se dedicado a estudos sobre fronteiras, visando principalmente o olhar para a integração entre as culturas. As fronteiras são vistas assim, conforme aponta Friedman (2002, p. 1), como

o lugar do encontro e da interação. A autora afirma que esta visão, muitas vezes, pode desviar a atenção para aquilo que realmente acontece nas áreas de contato, nas áreas situadas entre aquilo que é diferente. A idéia da mistura pode esconder os conflitos, pode silenciar a forma como a própria diferença se configura e se revela efetivamente como o lugar da migração. Esta autora propõe, portanto, uma leitura específica da fronteira, como o local da intertextualidade, do espaço “entre”. Esta visão da fronteira aqui nos interessa por resgatar aí a questão subjetiva da fronteira, das áreas de contato entre duas culturas diferentes.

Por isso, a idéia de fronteira que vamos nos utilizar está ligada a fronteira social, ou seja, *“a área que separa e possibilita as trocas entre duas unidades que se reconhecem mutuamente como diferentes”*, conforme apontam Saint-Martin, Rocha e Heredia (2008, p.135). As autoras entendem que as fronteiras sociais⁷ *“delimitam os contornos das categorias sociais – a participação desigual dos indivíduos na vida social – e (...) abrem espaços de troca e de encontro para que as classes se comuniquem entre si”*. Esta idéia aqui nos interessa pois resgata a idéia da fronteira como uma área simbolicamente delimitada, portanto, não intransponível, além da idéia do duplo cotidiano vivenciado pela população favelada, conforme já descrito aqui.

As áreas de contato entre diferentes classes sociais representam então a marca da diferença, como uma das áreas onde os grupos sociais se percebem como diferentes, não sendo, portanto, a única área. Para nós, estas áreas são exemplos do reflexo de como o espaço urbano carrega as marcas da sociedade atual, uma sociedade desigual e heterogênea. A própria leitura de classe social se modifica na atualidade, pois as classes não são conjuntos homogêneos baseados em posições econômicas estritas e opostos, nem tão pouco se formam em espaços fechados (SAINT-MARTIN, ROCHA E HEREDIA, 2008, p.138). As classes sociais estão baseadas no reconhecimento da diferença, e este reconhecimento é simbólico.

⁷ As autoras utilizam a definição de fronteira social de Charles Tilly (2005), onde este defende que “as fronteiras “nos” separam “deles”, e interrompem, circunscrevem ou “produzem segregação” em distribuições de populações ou de atividades no interior das sociedades.

Esperamos que a análise destas áreas de contato entre classes sociais diferentes na Zona Sul do Rio de Janeiro nos permita observar a diferença, além dos conflitos que ocorrem a partir dessa diferença. Nas visitas a campo, foi possível ouvir os moradores, e o que faremos agora é uma tentativa de apontar a diferença e os possíveis conflitos que surgem a partir do reconhecimento da diferença.

4.3.1 - As áreas de contato entre o bairro e a favela

Durante o período de realização da pesquisa, visitamos algumas áreas de contato entre os bairros e as favelas da Zona Sul. Foram visitadas cinco áreas, onde circulamos pelas principais áreas de acesso de algumas favelas da Zona Sul. Como a maioria das favelas da Zona Sul se localiza nas encostas dos morros da área, as favelas possuem normalmente só um acesso, que se configura como a área de contato entre a favela e os bairros. A seguir encontra-se a Tabela 04 com as ruas que foram visitadas.

Tabela 04 – Áreas de contato visitadas durante trabalho de campo – 2009

Ruas visitadas	Favela	Bairro
Marquês de Abrantes e Paulo VI	Morro Azul	Flamengo
São Clemente, Marechal Francisco de Moura e Barão de Macaúbas	Santa Marta	Botafogo
General Ribeiro da Costa e Ladeira Ary Barroso	Chapéu Mangueira/Babilônia	Leme
Visconde de Albuquerque e Aperana, Parque Penhasco Dois Irmãos	Chácara do Céu	Leblon/Vidigal ⁸

⁸ A área do Vidigal foi transformada oficialmente em bairro em 1981. Estamos considerando aqui o bairro do Leblon devido à principal subida para a favela se localizar no Leblon.

Estrada da Gávea e Avenida Niemeyer	Rocinha	São Conrado/Rocinha ⁹
-------------------------------------	---------	----------------------------------

Estas áreas de fronteira foram escolhidas por acreditarmos que existe bastante heterogeneidade nelas e por representarem parte do universo das favelas da Zona Sul. As favelas Santa Marta e Chapéu Mangueira e Babilônia encontram-se atualmente sob ocupação policial, o que transforma a paisagem e o convívio entre o bairro e essas áreas, além de representarem grandes áreas faveladas na Zona Sul. A Rocinha representa atualmente a maior favela da cidade, com um quadro social bastante diversificado e uma economia importante, inclusive tendo sido classificada como bairro e como Região Administrativa. As favelas Chácara do Céu e Morro Azul representam favelas pequenas, com populações pequenas (pouco mais de mil moradores, segundo dados do último Censo), sendo a primeira considerada de difícil acesso, enquanto a segunda está bem próxima ao Metrô do Flamengo. Por estas características, acreditamos que estas favelas representem bem, de certa forma, as características gerais das favelas da área. Nas visitas a campo foi possível perceber que as áreas de contato apresentam características comuns, mas não é possível generalizá-las tão somente, pois apresentam características específicas, de acordo com sua dinâmica e o local onde estão inseridas. Portanto, pretendemos abordá-las de forma geral e, em seguida, caracterizá-las individualmente.

As áreas de contato, em geral, são marcadas pela intensa diferenciação de paisagem entre os prédios de classe média e a subida das favelas, mas esta diferenciação fica menos marcada em algumas áreas, pois os prédios da área de contato são em geral muito antigos, mais simples e mais degradados, como é o caso de Botafogo. As ruas em geral apresentam comércio popular, voltado para atender a população de baixa renda, como bares e pequenas mercearias. É marcante também a

⁹ A área da Rocinha foi transformada oficialmente em bairro em 1993. Estamos considerando aqui o bairro de São Conrado devido ao principal acesso para a favela se localizar em São Conrado.

presença de motos, vans, kombis e ambulantes, além de caçambas de lixo.

Foto 16 – subida da favela Chapéu Mangueira



Foto: Marta do Nascimento, 2009.

A foto mostra a subida da favela Chapéu Mangueira, no bairro do Leme, encravada em uma rua de classe média do bairro, a rua General Ribeiro da Costa; a subida da favela apresenta grande diferenciação em relação ao restante da rua, inclusive pela presença de pinturas nos muros caracterizadas como grafites.

O grafite é uma presença constante nos acessos às favelas de toda a cidade, diferenciando a paisagem da favela da paisagem dos bairros, visto a questão da identidade que o grafite emana. Segundo Dayrell (2008),

ao apropriar-se do espaço público, a periferia passa a ser representada, a se mostrar no centro, tomando uma dimensão de protesto e também de crônica. (...) a principal característica do grafite é que o sujeito que produz a arte, na maioria das vezes, possui uma forte ligação com a cultura local, mas nem por isso o trabalho final deixa de ser

global. O grafite articula lazer, protesto e também é uma forma de sobrevivência.

O grafite visto como atividade marginal estava totalmente ligado a periferia e ao pobre¹⁰, e segundo Martins (2009, p. 86), o grafite é um importante meio pelo qual o pobre se reconhece e se aproxima, ressaltando ainda o caráter de persistência e de luta da favela, “*no sentido de que a relação que o cotidiano nos revela é a de luta e identidade*”, pois ressaltamos aqui que a presença de favelas nesta área se configura também como a resistência da população favelada em permanecer na área mais valorizada da cidade.

Segundo os moradores dos bairros, a presença das favelas desvaloriza os imóveis do seu entorno, principalmente aqueles que apresentam vista da favela ou localizam-se bem próximos ao acesso principal da favela, devido a esta desvalorização, os imóveis em geral apresentam aparência degradada.

Foto 17 – Subida da favela Santa Marta



Foto: Marta do Nascimento, 2009.

Subida da Rua Jupira, principal acesso do Morro Santa Marta, marcado pela presença de muitas caçambas de lixo e pela presença de comércio ambulante, principalmente de bebidas e lanches.

¹⁰

O grafite deixou de ser considerado atividade ilegal desde 2008, quando um projeto de lei federal tornou o grafite atividade cultural e artística.

Foto 18 – Rua Marechal Francisco Moura



Foto: Marta do Nascimento, 2009.

Subida da Rua Marechal Francisco Moura, rua que dá acesso ao Morro Santa Marta, ainda com a presença de prédios de moradores de classe média. Ao fundo é possível observar barracas de comércio ambulante, além do muro que apresenta também pinturas caracterizadas como grafites.

Como é possível observar também pelas imagens, a circulação de pessoas é muito intensa, principalmente devido a presença de vans e de ambulantes. Acreditamos que essa diferenciação de paisagem e o reconhecimento da diferença, do espaço do outro, acaba criando uma série de conflitos que pretendemos apresentar aqui. As áreas de conflito acabam se tornando áreas onde os moradores de bairro evitam passar, ou só vão se já conhecerem bem o local.

Foi possível observar como as áreas de contato são evitadas a partir de relatos obtidos nas visitas a campo. Moradores de diferentes bairros afirmam que não passam por essas áreas principalmente a noite, com medo da violência e de tiroteios, como relata uma moradora do Leblon, moradora do bairro há 21 anos: *“antigamente, eu subia a Estrada da Gávea e saía em São Conrado, hoje em dia desisti, tenho medo de ficar no meio de algum tiroteio”*. Uma moradora de Copacabana reafirma a fala acima, quando diz que *“evito andar à noite próximo às favelas. Durante o dia é difícil evitar, pois existem favelas no coração de Ipanema,*

Copacabana, Botafogo, São Conrado”. Uma moradora do bairro do Leme afirma que anda por todo o bairro durante o dia, pois diz que é aposentada e gosta muito de passear na orla e fazer compras na rua Gustavo Sampaio (principal rua do bairro); diz ainda que visita amigos por todo o bairro e reclama muito do aumento dos assaltos por conta da ocupação policial no Chapéu Mangueira e da falta de policiamento no bairro, mas quando pergunto se frequenta a Rua General Ribeiro da Costa (principal acesso à favela Chapéu Mangueira) e se vê a patrulha da polícia fixa presente na rua, responde categórica: *“lá eu não vou”*.

Fica claro nas falas dos moradores o repúdio às áreas de favela como um conflito presente na área, pois as pessoas não deveriam ter “medo” de frequentar todas as ruas do bairro. Ainda assim, observamos variações nesse discurso, pois alguns moradores de bairro afirmam que as favelas da Zona Sul são mais tranquilas, vigiadas, e afirmam não ter medo de passar em locais onde conhecem bem, entretanto afirmam que evitam circular pelo restante da cidade, principalmente à noite. Realmente, podemos apontar como característica geral das favelas da Zona Sul uma área de contato com os bairros bem pequena, discreta e controlada, ao contrário de muitas favelas no restante da cidade, como afirma um morador de Copacabana, que afirma já ter morado em muitos bairros da Zona Norte e mora na Zona Sul há cinco anos: *“não costumo evitar passar em favelas da Zona Sul. Em regiões da Zona Norte evito”,* ou o morador do Flamengo, o qual afirma que *“aqui na Zona Sul dá para passar, em outros lugares só se for muito necessário...”*

Gostaríamos de salientar agora algumas diferenças em relação às áreas de contato visitadas e as áreas que estão sob ocupação policial recente. É o caso, por exemplo, da favela da Rocinha e da favela Chácara do Céu, onde as áreas de contato são completamente diferentes. Na favela Chácara do Céu, a zona de contato com o bairro do Leblon, por onde a favela tem acesso, é muito longa e distante, e se configura como uma área muito vigiada e controlada. O principal acesso à entrada da favela é a subida do Parque Penhasco Dois Irmãos, localizado na Rua Aperana, no referido bairro, o que torna a favela bastante isolada do bairro. Só é possível chegar ao bairro por meio de uma Kombi,

responsável pelo transporte dos moradores da favela até a parte baixa do bairro, na Rua Visconde de Albuquerque, ou de carro, para os moradores que possuem. O outro acesso é por via de uma escadaria localizada na Avenida Niemeyer, em frente ao hotel Sheraton, um dos hotéis de alto luxo da cidade.

Foto 19 – Subida do Parque Penhasco Dois Irmãos



Foto: Marta do Nascimento, 2009.

Uma das subidas do Parque Penhasco Dois Irmãos, continuação da Rua Aperana, no Alto Leblon (no canto inferior à direita). A subida do parque possui calçamento e guaritas de segurança, há também área de play, bancos e mesas para lazer. O parque foi criado em 1992, mas seu calçamento ocorreu somente no Governo Conde (1997-2001).

Foto 20 – Chegada à favela Chácara do Céu



Foto: Marta do Nascimento, 2009.

No fim da rua Aperana encontra-se uma pequena estrada de terra, onde acaba o calçamento, que seria a chegada da favela Chácara do Céu. Moradores reclamam que após chuvas intensas, este caminho fica intransitável.

Como se pode ver nas fotos, a subida do parque se configura como a principal área de contato entre o bairro e a favela, principalmente após o calçamento do parque, durante o governo Conde (1997-2001); segundo os moradores da favela, antes disso o acesso dava-se através de uma estrada íngreme de terra. Após o calçamento da rua, o local ganhou áreas de lazer e uma guarita de segurança com dois seguranças fixos dia e noite, além de uma patrulha da polícia quase sempre presente no local. Quando termina o calçamento, chega-se a uma estrada de terra curta e a um descampado, por onde se vê um muro e a entrada da favela, vigiada também por traficantes. Chama atenção a convivência tão de perto entre os “vigias” do asfalto e os “vigias” da favela.

A subida para o parque é utilizada pelos moradores do bairro para a prática de esportes e para a utilização das áreas de lazer, além do intenso fluxo de turistas, pois existem três mirantes no Parque. A área de contato, portanto, distancia o bairro e a favela, o que torna a favela menos incômoda para os moradores do bairro. Oficialmente, no bairro do Leblon,

com a criação do bairro do Vidigal, não existem mais favelas, somente no bairro do Vidigal, e como elas não marcam a paisagem do bairro, passam a causar menos “incômodo”, conforme relatos de moradores que percebem isso e afirmam que *“no Leblon não tem favelas”*. Mesmo assim, moradores reclamam da desordem urbana causada pela presença de vans e Kombis, transportes utilizados principalmente pelos moradores pobres da região. No Leblon, por exemplo, a subida da Kombi para a Chácara do Céu se localiza na Praça Professor Azeredo Sodré, na Rua Visconde de Albuquerque.

O calçamento realizado na rua Aperana não chega até a favela, que fica isolada por uma pequena estrada de terra, sendo esta uma das grandes reclamações dos moradores da favela: *“já tem mais de dez anos que o calçamento chegou no parque, por que não estendem até aqui?”*, questiona uma moradora da favela. Os moradores vêm, portanto, a falta de calçamento como uma forma de isolá-los do bairro. Ao mesmo tempo afirmam que a chegada do calçamento até o Parque facilitou a vida dos moradores, que passaram a utilizar muito mais o parque que a escadaria na Avenida Niemeyer, pois esta é muito longa e íngreme. Os moradores da Chácara do Céu afirmam também que na favela não há nenhum tipo de comércio, o que os torna completamente dependente dos serviços que o bairro dispõe. A padaria mais próxima, segundo moradores, se localiza nas proximidades da rua Visconde de Albuquerque, mas só é possível chegar de carro ou de Kombi. Os moradores reclamam dos preços da padaria e do mercado mais próximo, pois é voltado para os moradores do bairro, afirmando que precisam ir até Ipanema para frequentar um mercado mais barato, o que torna a área de contato somente um ponto de passagem dos moradores.

Ao contrário desta área de contato, que é bem definida, o oposto é encontrado na favela da Rocinha. Uma das maiores favelas da América Latina, possui vários acessos, quase todos eles tomados por vendedores ambulantes. Caminhar pela entrada da Rocinha muitas vezes nos dá a sensação de estar chegando em um dos mais importantes subcentros comerciais da Zona Sul. Na visita à entrada da favela, ouvimos muitos ambulantes do local, e quase todos não são moradores da favela. Na

subida pela Estrada da Gávea funciona uma feira de roupas e bijuterias, todos os sábados. Os ambulantes presentes na feira afirmam que não há ali nenhum morador da Rocinha trabalhando, e que a feira é frequentada principalmente por moradores da Rocinha, mas também por moradores de toda a Zona Sul, pois não há nenhuma feirinha desse tipo na Zona Sul, incluindo aí também moradores do bairro de São Conrado como freqüentadores da feira e do comércio de rua da Rocinha. “*Aqui tem tanta barraca quanto na [camelódromo] Uruguiana*”, afirma um ambulante.

Esta dinâmica intensa de comércio, transporte de vans e Kombis e pessoas transforma esta zona de contato em algo mais fluido, menos marcado e vigiado. Em um muro próximo à saída do estacionamento do *Shopping Fashion Mall*, encontramos novamente a presença do grafite, o que demonstra, nesse caso, a chegada nas proximidades da favela. A presença de vans e Kombis se mistura com o comércio da Avenida Niemeyer, onde encontramos lojas de um lado e ambulantes do outro.

A rocinha forma um mundo a parte do bairro de São Conrado, pois se localizam no local todo tipo de comércio, bancos, shoppings, casas lotéricas, entre outros, o que significa dizer que a população não precisa dos serviços do bairro, sendo a favela da Rocinha praticamente “auto-suficiente”, e a Zona de contato torna-se extremamente ampla e ao mesmo tempo próxima. Quase tudo que os moradores da favela consomem é adquirido ali mesmo, ou dentro da favela, ou na área de contato, conforme moradores da própria favela apontaram em nossa visita.

Foto 21 – Subida Estrada da Gávea



Fonte: Jornal O Globo, 2009.

A foto mostra a subida da estrada da Gávea na Rocinha, no encontro com a Avenida Niemeyer, local de ponto de vans e Kombis, além de mototáxis que circulam por toda a favela.

Foto 22 – Shopping na Rocinha



Fonte: Jornal o Globo, 2009.

A favela da Rocinha possui inclusive um Shopping Center, uma espécie de galeria de dois andares com lojas que vendem até produtos de grifes estrangeiras.

Nas favelas da Zona Sul visitadas que possuem agora as Unidades de Polícia Pacificadoras (UPP), Santa Marta e Chapéu Mangueira, o incomodo com a presença das favelas aparentemente não foi reduzido, pois mesmo que os moradores apontem a questão da violência e do medo como fatores para evitar as favelas, agora citam reclamações quanto ao aumento de assaltos devido a proibição do tráfico nesses locais. Os moradores dos bairros do Leme e de Botafogo apresentaram muitas reclamações quanto aos assaltos nos bairros e às residências de prédios de classe média dos bairros, e citam que não freqüentam mais comércios locais nas proximidades das favelas porque estes tem sido alvo de assaltos recentes, como é o caso de um morador do Leme que disse evitar ir até uma padaria da rua Gustavo Sampaio, devido a assaltos na semana anterior.

Outros moradores citam ainda como problema a questão da falta de infra-estrutura nas favelas. Uma moradora de Laranjeiras afirma que não evita áreas de favelas, mas afirma que o *“problema é o lixo e esgoto a céu aberto”*. Este discurso apareceu também em Botafogo, de uma moradora residente muito próxima à área de contato com a favela Santa Marta, na rua Marechal Francisco de Moura, que afirmou que as principais reclamações dos moradores do prédio atualmente (após o fim do tráfico no morro) são o lixo, pois as caçambas que atendem toda a comunidade se localizam na frente do prédio, o esgoto que desce pela rua e a intensa movimentação de gente, o que deixa a rua muito barulhenta. Os relatos mostram que, independente do problema citado, sempre haverá um problema a ser questionado, pois são cotidianos muitos diferenciados e interesses diferenciados.

Além dos locais visitados, foi possível ouvir as opiniões de associações de moradores de vários bairros da Zona Sul. Foi possível observar que algumas favelas localizadas em Parques, como a favela do Horto, no Jardim Botânico, e do Parque da Cidade, na Gávea, apesar dos moradores dos bairros terem afirmado que são favelas pequenas ou mesmo nem chamarem de favela, as pessoas têm deixado de visitar as áreas ou passar por lá devido à presença das favelas. Segundo o presidente da Associação de Moradores do Jardim Botânico, mesmo

afirmando que não há favelas no bairro, diz que *“no final do Horto (onde houve invasões recentes e as construções são apinhadas, o que dá um “visual” de favela) alguns moradores têm medo de passar, à noite”*. Um discurso parecido é observado na fala da presidente da Associação de Moradores da Gávea, que afirma não ter medo de frequentar as favelas da Zona Sul, mas mostra preocupação quanto ao Parque da Cidade pela falta de segurança no local; *“faz algum tempo que deixei de frequentar o Parque da Cidade em função de histórias sinistras de episódios de violência ocorridos ali e pela total falta de policiamento no local”*, ao contrário do que descrevemos acerca da Chácara do Céu.

As áreas de contato entre os bairros e as favelas sempre constituíram áreas de conflitos e contradições por estarem nestes locais os pontos de maior reclamação de moradores de bairros. Entre as principais reclamações estão a desordem urbana e a falta de controle nas áreas de acesso as favelas, e a presença policial não parece ter resolvido os problemas. Os acessos às favelas se constituem como as áreas que são negadas, pois representam a diferença, o ponto onde o morador de bairro muitas vezes não pode evitar. As favelas e suas áreas de acesso representam, portanto, a expressão de conflitos no espaço urbano da Zona Sul.

4.3.2. A natureza como fronteira – questão ambiental e a construção de muros

Uma ação proposta pelo poder público bem recentemente é a construção de muros no entorno de favelas da Zona Sul carioca. Na favela Santa Marta, em Botafogo, já está terminada a construção de 634 metros de um muro de concreto, com a intenção de impedir o crescimento da favela para áreas de mata presentes na encosta onde se situa o morro. Segundo Ferreira (2009), *“se tivermos em conta que do outro lado da favela há um plano inclinado, com teleférico para transporte da comunidade, que já serve como muro de contenção, ao final da construção do muro os moradores estarão concretamente murados”*.

Na Chácara do Céu já houve essa tentativa. Em 1992 foi construído um muro, que coincidiu com a criação do Parque Penhasco Dois Irmãos, mas o muro não impediu o avanço da população para a área do Parque, visto que já existem construções além muro. Mesmo assim, o muro da Chácara do Céu deixa os moradores com o sentimento de exclusão, pois só existe uma pequena porta no muro, que dá acesso a um descampado na mata, local que os moradores chamam de “praça”, apesar de não existir nenhum equipamento urbano que o caracterize como tal. Como não houve fiscalização ambiental séria no local, para os moradores da favela a intenção do muro era de claramente impedir que a favela avançasse pela encosta e incomodasse os moradores do bairro do Leblon.

Apesar do muro não ter evitado novas construções na Chácara do Céu, construiu-se o muro no Santa Marta. Do projeto atual, no total, serão construídos 11 km de extensão de muros que circundarão 11 favelas, todas na Zona Sul do Rio de Janeiro, com o discurso de tentar conter o crescimento desordenado e a destruição da Mata Atlântica. As favelas participantes do projeto são a Rocinha, o Parque da Cidade, na Gávea, os morros dos Cabritos e a Ladeira dos Tabajaras, em Copacabana; da Babilônia e Chapéu Mangueira, no Leme; Cantagalo e Pavão-Pavãozinho, em Ipanema; Vidigal, no Leblon; e Benjamim Constant, na Urca, mas até agora somente o muro da favela Santa Marta foi construído.

Esta ação tem recebido grande número de críticas por parte da sociedade civil, mas pesquisas apontam ainda que parte da população apóia a construção de muros. A população das favelas não vê com bons olhos a obra, pois existe uma idéia muito forte de segregação no projeto. Na Rocinha, houve a tentativa da implantação de um projeto de construção de um muro na parte da favela voltada para a encosta, mas o projeto foi retirado de pauta devido a resistência por parte dos moradores da favela.

A maior parte das críticas se concentra no fato da Zona Sul ter apresentado a menor expansão das áreas faveladas (conforme a Tabela 01, 1,21% de crescimento em uma década) e o projeto estar concentrado

mesmo assim na Zona Sul, e não na Zona Oeste, onde o aumento foi muito maior e parte da área pertencente ao Parque Estadual da Pedra Branca estar comprometida pela expansão das favelas na área. A construção do muro representa um novo conflito entre a área legal e ilegal da cidade, entre a população da favela e o restante dos moradores dos bairros da Zona Sul. Representa também uma apropriação do discurso ambiental pelo Estado e pelo capital imobiliário, com a intenção de minimizar o “incômodo” que significa atualmente a presença de favelas na Zona Sul, configurando-se como um conflito na área. Pouco depois da polêmica, os representantes do poder público passaram a chamar o muro de “ecolimite”, tentando evitar a idéia de exclusão, tão comum em muros. Entendemos que se trata da natureza sendo usada como imposição de limites, funcionando como fronteira natural e imposta.

Foto 23 – Favela Santa Marta, em Botafogo – 2004



Fonte: Site favela tem Memória

Observa-se a ocupação de grande parte da encosta, em áreas de proteção ambiental. A morfologia da favela contrasta com a organização das ruas e os prédios de classe alta do bairro de Botafogo.

Foto 24 – Construção do muro no morro Santa Marta



Fonte: Jornal O Globo, 27/03/2009

A construção do muro foi iniciada em março de 2009, com a intenção de evitar o avanço da favela na encosta, que é área de proteção ambiental.

Foto 25 – muro na favela Santa Marta



Foto: Marta do Nascimento, 2009.

O Muro já terminado na favela; por enquanto está garantindo a não expansão horizontal da Favela.

Foto 26 – Muro na favela Chácara do Céu



Foto: Marta do Nascimento, 2009.

O muro na Chácara do Céu já existe desde 1992, e não impediu que a população ocupasse áreas além do muro, pois não houve, realmente, fiscalização ambiental na área.

4.3.3. A dinâmica da relação entre o bairro e a favela

Percorrer favelas na Zona Sul se configura como um choque de segregação e exclusão. Ruas com residências de alto luxo, organizadas, limpas e em geral bem cuidadas¹¹, contrastam demais com as ruelas estreitas, íngremes, esgoto a céu aberto e muito lixo. É claro que não é possível generalizá-las, pois as favelas apresentam grande heterogeneidade, mas de forma geral, o contraste é muito intenso. É claro que hoje, algumas favelas da Zona Sul apresentam bom nível de desenvolvimento, inclusive com ampla infra-estrutura urbana, enquanto outras apresentam um grau de desenvolvimento muito baixo, abaixo inclusive de favelas na Zona Norte e Oeste. Independente desta variação, se compararmos com o nível de desenvolvimento dos bairros, as favelas representam um mundo à parte na Zona Sul.

¹¹ Apesar da reclamação de muitos moradores, os bairros da Zona Sul apresentam melhores condições que a maioria dos bairros da cidade, excetuando-se a Barra da Tijuca, Recreio, Itanhangá, entre outros.

Abaixo apresentamos duas tabelas de comparação entre o Índice de Desenvolvimento Social (IDS)¹² e condições de vida entre os bairros e as favelas da Zona Sul. Para melhor análise, separamos somente os bairros da Zona Sul e as favelas da Zona Sul nas tabelas, assim como suas respectivas posições na tabela geral do IDS na cidade do Rio de Janeiro.

Tabela 05 - Índice de Desenvolvimento Social e seus indicadores constituintes por bairro - Município do Rio de Janeiro - 2000

Posição	Bairro	Índice de Desenvolvimento Social	% de domicílios particulares permanentes com rede de água adequada	% de domicílios particulares permanentes com rede de esgoto adequada	% de domicílios particulares permanentes com coleta de lixo adequada	% dos chefes de domicílio com menos de quatro anos de estudo	% dos chefes de domicílio com 15 anos ou mais de estudo	% de analfabetismo em maiores de 15 anos	% dos chefes de domicílio com renda até dois salários mínimos	% dos chefes de domicílio com rendimento igual ou superior a 10 salários mínimos	Rendimento médio dos chefes de domicílio em salários mínimos
1	Lagoa	0.854	99.95	99.91	99.95	2.33	68.91	0.54	4.47	81.36	35.90
2	Leblon	0.809	99.98	99.81	100.00	4.68	55.20	1.05	6.90	69.43	29.78
3	Ipanema	0.801	99.75	99.55	100.00	4.89	53.97	1.09	7.73	67.08	27.94
4	Humaitá	0.798	99.95	99.74	99.98	2.96	59.48	0.88	6.85	65.09	20.42
5	Urca	0.795	99.96	99.61	99.96	2.60	63.84	1.05	7.84	69.47	21.12
7	Jardim Botânico	0.787	97.82	98.17	99.91	4.43	57.38	1.24	8.67	64.97	25.49
8	São Conrado	0.787	94.39	95.58	99.91	5.63	57.58	1.52	15.43	68.02	35.28
9	Gávea	0.787	99.01	99.33	99.98	3.99	55.60	1.81	10.61	64.12	25.37
10	Laranjeiras	0.779	99.92	99.70	99.99	3.80	54.34	1.00	8.04	60.97	19.63
11	Flamengo	0.775	99.99	99.92	100.00	3.08	49.90	0.76	7.53	56.88	18.91
12	Leme	0.761	99.77	99.03	99.98	5.45	47.25	1.42	13.10	57.99	20.51
13	Maracanã	0.758	99.98	99.94	99.99	3.83	48.27	1.17	8.15	53.89	15.28
14	Copacabana	0.753	99.91	99.67	99.97	4.91	41.95	1.37	9.23	52.74	17.29
16	Botafogo	0.743	99.70	97.46	99.90	5.87	45.75	1.41	12.20	51.31	16.21

¹²

O índice em pauta tem como base os resultados do Censo Demográfico do IBGE. Sua peculiaridade que o diferencia de tantos outros índices igualmente importantes e úteis, é o nível de desagregação espacial para o qual ele pôde ser calculado: o setor censitário. O setor censitário (com uma média de 250 domicílios) é uma construção do IBGE, utilizada em suas pesquisas domiciliares, definida como: “a unidade territorial de coleta e de controle cadastral, percorrida por um único recenseador, contínua e situada em área urbana ou rural de um mesmo distrito, em função do perímetro urbano (linha divisória dos espaços juridicamente distintos de um distrito, estabelecida por lei municipal).” Ao utilizar a menor unidade geográfica para as quais se dispõem e se disporá de dados estatísticos confiáveis e sistemáticos possibilita a identificação e a comparação das diferenças intra-urbanas tanto no máximo grau de detalhamento espacial quanto em qualquer agregação que seja possível fazer. (..) Foram utilizados 10 indicadores, construídos a partir de variáveis do Censo: Dimensão Acesso a Saneamento Básico, Dimensão Qualidade Habitacional, Dimensão Grau de Escolaridade, Dimensão Disponibilidade de Renda. (CAVALLIERI E LOPES, 2008, p. 1-2)

22	Cosme Velho	0.713	97.91	99.23	99.95	13.06	43.97	2.51	21.35	50.54	19.50

Como se pode perceber pela Tabela 05, os bairros da Zona Sul estão, praticamente, todos no topo da lista de desenvolvimento social, apresentando rendimento salarial médio muito elevado, os mais elevados da cidade. Quanto ao Índice de Desenvolvimento Social (IDS), estão todos acima de 0,7. Os bairros da Zona Sul, em geral, são ainda os de maior nível de renda e de maior qualidade de vida, segundo a metodologia utilizada para o cálculo do IDS.

Tabela 06 - Índice de Desenvolvimento Social e seus indicadores constituintes por favela - Município do Rio de Janeiro - 2000

Posição	Favela	Índice de Desenvolvimento Social	% de domicílios particulares permanentes com rede de água adequada	% de domicílios particulares permanentes com rede de esgoto adequada	% de domicílios particulares permanentes com coleta de lixo adequada	% dos chefes de domicílio com menos de quatro anos de estudo	% dos chefes de domicílio com 15 anos ou mais de estudo	% de analfabetismo em maiores de 15 anos	% dos chefes de domicílio com renda até dois salários mínimos	% dos chefes de domicílio com renda igual ou superior a 10 salários mínimos	Rendimento médio em salários mínimos
1	Vila Benjamim Constant	0.589	99.25	98.51	99.25	18.66	14.18	4.35	32.84	8.96	5.24
14	Vila Parque da Cidade	0.553	100.00	99.55	100.00	16.11	2.56	2.00	48.95	1.51	2.66
20	Ladeira dos Tabajaras	0.542	97.79	97.48	100.00	20.19	4.10	5.14	47.32	4.10	3.48
31	Chapéu Mangueira	0.537	100.00	99.03	100.00	24.35	4.55	3.49	53.57	2.60	2.65
32	Pedra Bonita	0.537	100.00	94.26	100.00	16.39	1.64	3.24	51.64	0.00	2.30
37	Morro Azul	0.535	99.70	98.19	100.00	21.08	1.51	2.97	53.92	1.20	2.67
48	Guararapes	0.530	98.31	97.75	100.00	26.40	3.93	3.27	52.81	2.81	3.55
54	Morro dos Cabritos	0.527	100.00	98.98	100.00	30.56	3.40	6.47	49.24	2.89	3.07
58	Chácara do Céu (Vidigal)	0.526	99.68	96.82	100.00	19.75	3.82	4.13	62.42	0.32	2.06
70	Cerro-Corá	0.522	100.00	98.83	100.00	33.20	3.13	4.74	50.78	3.13	3.34
75	Vila Pereira da Silva	0.519	100.00	97.84	100.00	29.50	2.88	5.93	54.68	2.16	3.05
95	Vila Canoa	0.512	100.00	99.78	100.00	25.98	0.87	3.46	68.12	0.44	2.05
119	Vila Candido	0.507	97.06	99.02	99.67	36.27	1.96	6.32	51.96	2.29	3.01
135	Recanto Familiar /Humaitá	0.504	100.00	100.00	100.00	40.21	2.06	6.68	52.58	1.03	2.45
142	Vidigal	0.503	98.30	96.92	100.00	34.60	1.92	7.98	55.75	1.23	2.37
167	Morro do Cantagalo	0.497	96.35	95.23	100.00	30.43	2.13	5.25	65.82	1.52	2.12
194	Mangueira (Botafogo)	0.491	92.46	91.46	100.00	33.17	0.50	9.61	55.78	1.51	2.44
206	Vila Santo Amaro	0.487	100.00	99.42	100.00	38.30	0.88	8.80	63.45	0.58	2.05
211	Pavão-Pavãozinho	0.487	98.90	95.99	98.74	42.26	1.65	10.95	49.33	0.79	2.64

220	Babilônia	0.483	96.58	86.58	99.74	29.47	2.37	6.10	69.47	0.53	1.94
263	Fazenda Catete	0.474	80.21	98.96	100.00	37.50	0.00	11.64	51.04	1.04	2.89
310	Rocinha	0.458	97.26	60.50	99.44	39.30	1.34	9.36	52.27	1.45	2.59
350	Santa Marta	0.443	98.97	49.68	97.94	36.69	0.95	8.12	58.56	0.24	2.12

A comparação do nível de desenvolvimento e das condições de vida entre os bairros da Zona Sul e as favelas é bastante expressiva. O Índice de Desenvolvimento Social apresenta grande disparidade, mesmo sendo da Zona Sul a favela com maior Índice, a vila Benjamin Constant, o restante das favelas apresenta nível muito baixo de desenvolvimento, principalmente quanto à escolaridade e ao nível de renda. Os bairros da Zona Sul, portanto, apresentam os mais altos índices de desenvolvimento, enquanto as favelas localizadas na área apresentam níveis baixos em relação à cidade¹³, o que representa uma contradição quanto à distribuição de infra-estrutura e de renda entre a favela e o bairro na Zona Sul. Salientamos aqui que essa distância social existe em relação a muitos bairros e favelas da cidade, mas na Zona Sul essa diferença se amplia, pois se trata da área de maior valorização da cidade. Enquanto os bairros apresentam IDS de países ricos, as favelas apresentam IDS de áreas muito pobres, como Santa Cruz, bairro da Zona Oeste da cidade.

Toda essa desigualdade na qualidade de vida da população se reflete na paisagem e no imaginário social dos bairros da Zona Sul, acarretando também diferentes conflitos. Uma importante contradição que apontamos, baseada também na desigualdade das condições de vida das populações, são os diferentes interesses dos moradores de bairro e de favela e a atuação diferenciada (consequentemente) do poder público na área. Ouvir os dois lados nos mostra o quanto os interesses, os problemas e as cobranças são divergentes mesmo entre pessoas vivendo em uma mesma área, o que dificulta bastante a atuação do poder público. Este sempre tende a primeiramente atender as cobranças e interesses

¹³ De um universo total de 503 favelas reconhecidas como aglomerados subnormais pelo IBGE.

das classes sociais dominantes, pois nos bairros da Zona Sul se paga os IPTUs mais caros da cidade, portanto, devem ser atendidos primeiramente, visto que nas áreas de favela não se paga IPTU.

Para os moradores de bairro ouvidos, assim como para os representantes da associação de moradores de bairros, os problemas que mais aparecem são a desordem urbana, citando aí estacionamento irregular, falta de conservação de equipamentos urbanos e do patrimônio histórico, a falta de segurança e o trânsito extremamente congestionado. Além, também, do excesso de linhas de ônibus e da presença de vans e kombis, da presença de mendicância e de moradores de rua. Foram citados também o desrespeito à lei do silêncio, o excesso de ambulantes em ruas principais dos bairros, presença de flanelinhas, má conservação das calçadas e os blocos de carnaval, pois estes impedem a livre circulação de carros e causam transtornos e sujeiras.

Já os moradores de favelas apontam problemas bastante antagônicos aos dos moradores dos bairros, como a falta de água (normalmente só cai água alguns dias na semana), a falta de coleta de lixo, o isolamento em relação aos bairros, as dificuldades de locomoção dentro das favelas, a falta de áreas de lazer e de serviços dentro das favelas, o esgoto a céu aberto, entre outros. Para os moradores de favela, as dificuldades de chegar e sair da favela com cargas, além das dificuldades quanto ao acesso à infra-estrutura urbana são os problemas que mais os afligem, por isso a importância em estar na Zona Sul, com ampla disponibilidade de transportes e serviços. Fica claro nesta comparação o quanto os interesses e as cobranças são diferentes para ambos os moradores, o que se configura como um conflito e uma contradição, principalmente quanto à atuação do poder público. Apesar da divergência, nos últimos tempos o poder público tem atuado em ambas as áreas, de forma direta ou não.

Diversos projetos sociais ligados ao poder público ou privado atuam na área, como o Projeto Favela-Bairro citado no Capítulo 2, nas favelas Cerro-Corá, Guararapes, Morro dos Cabritos, Santo Amaro,

Vidigal e Vila Cândido; e o projeto Bairrinho¹⁴, nas favelas Babilônia, Benjamim Constant, Chapéu Mangueira, Morro Azul, Pedra Bonita, Pereira da Silva, Vila Canoa e Vila Parque da Cidade. Atualmente as favelas da Rocinha, Pavão-pavãozinho e Cantagalo receberam amplos investimentos do PAC, para a construção de moradias e centros de lazer e esportes. Apesar da intervenção do Estado, as desigualdades entre bairro e favela não diminuíram. A favela Santa Marta recebeu importantes investimentos como saneamento e a construção do plano inclinado, já que a favela Santa Marta apresenta o pior IDS da Zona Sul (tabela 06).

As favelas da Zona Sul se localizam nas encostas de mais difícil acesso na área, o que dificulta a chegada de saneamento básico e coleta de lixo. Mesmo assim, o discurso dos moradores das favelas é que apesar das dificuldades vale a pena estar na Zona Sul, pois a proximidade de amplo mercado de trabalho garante a subsistência de muitos moradores. Além disso, algumas favelas da Zona Sul possuem uma vista impressionante, o que poderia significar algum tipo de ganho ou lazer por parte dos moradores de favela (Foto 27).

Foto 27 – Chácara do Céu



Foto: Marta do Nascimento, 2009.

A foto mostra a vista da favela Chácara do Céu, para as praias do Leblon e Ipanema, além da praia do Vidigal. O isolamento é compensado pela localização privilegiada e pela aparente tranquilidade do local.

¹⁴

Projeto nos mesmos moldes do Favela-Bairro, mas para favelas de até 500 moradores.

Foto 28 – Plano inclinado no Santa Marta



Foto: Marta do Nascimento, 2009.

A Foto mostra o bondinho do Plano Inclinado inaugurado na favela Santa Marta em Maio de 2009. O Bondinho tem ajudado bastante os moradores a subir com cargas e facilitou também a coleta de lixo, pois é impossível circular com veículos motorizados pela favela, ao contrário de favelas como a Rocinha e o Chapéu Mangueira, devido a presença de ruelas e da encosta muito íngreme.

A relação das favelas com os bairros, portanto, é muito marcada por essa desigualdade nas condições de vida, o que influencia também o imaginário social de ambos os moradores. Apesar de ambos, em geral, afirmarem que existe interação entre as áreas de favela e o bairro, observamos que geralmente os moradores de bairro não frequentam, ou evitam as áreas de contato entre bairro e favelas. Apesar dos moradores afirmarem que não sentem nenhum tipo de preconceito, falam em áreas onde não freqüentam, como o *Shopping Fashion Mall* ou a praia do Vidigal, praia esta onde já houve a tentativa do hotel Sheraton de torná-la privativa para evitar a presença de moradores das favelas do Vidigal e Chácara do Céu.

A maior parte dos moradores de bairro cita uma relação conflituosa com a favela. Ao serem questionados sobre como vêem a favela em seus bairros, é possível observar falas como: “a favela torna a região insegura, deprecia o valor dos imóveis”, ou que existe “a dificuldade em se fazer preservar a ordem urbana.” Ou ainda moradores com falas como: “[as

favelas] *são ruins, por mim se removiam todas*”. Alguns moradores e presidentes de associações de moradores de bairro afirmam que nos bairros em que moram não há favelas, mesmo o IBGE tendo reconhecido favelas nos bairros em questão, como uma moradora do Leblon que afirma que no Leblon não tem favelas, pois a criação do bairro do Vidigal, em 1981, deixou as duas favelas do bairro do Leblon em outro bairro, o que não alterou em nada a relação das favelas com o Leblon. Outra fala importante para ilustrar esta situação é a do presidente da Associação de Moradores do Alto Humaitá:

Nosso bairro não tem favelas. Apenas uma comunidade mais carente em relação ao padrão do restante do bairro. Mesmo assim, atípica: existem moradores com renda mensal mínima; e outros com salários ou aposentadorias acima de 10.000 reais. Logo, não se encaixa exatamente no perfil de favela, apesar das invasões sofridas e construções irregulares.

A fala da Presidente da Associação de Moradores da Urca também vai ao encontro dessa idéia, visto que esta é a “favela” com maior índice de IDS de toda a cidade do Rio de Janeiro

Na Urca não temos favelas. O que existe é uma pequena comunidade, a Vila Benjamin, entre a Urca e a Lauro Muller. Os moradores da Urca têm muito receio que aquela pequena comunidade se expanda, invada a APA ali existente e se transforme numa favela. Por sorte os próprios moradores de lá, que formaram uma Associação, a AMOVILA, não querem essa expansão.

Entendemos que este discurso, assumindo a existência de favelas ou não, representa uma negação da favela, um conflito expresso pela presença de favelas em bairros onde hoje são rechaçadas. Essa negação é percebida pelos moradores das favelas que lutam historicamente para se manter no local de maior valorização da cidade. Hoje, a luta vai além da simples permanência física, chegando à questão da imposição de uma vivência cotidiana diferenciada para os moradores do bairro. O reconhecimento da diferença vai além das questões econômicas ou de

renda, se expandindo para um cotidiano diferenciado. Observamos estes conflitos entre cotidianos diferenciados na fala de um líder comunitário da Rocinha:

O presidente da Associação de Moradores de São Conrado (AMASCO), bairro vizinho, por exemplo, considera que ele e seus súditos são parte de uma instância superior, e não tem o porquê se relacionar com gente da favela, em virtude disso proibiu o Natal Sem Fome da Rocinha (que seria em São Conrado), e quer proibir o nosso bloco oficial de desfilar na orla da praia, mesmo autorizado oficialmente pela Prefeitura, pois não quer assistir a 'bagunça da favela' do alto de sua janela.

Entendemos, portanto, que cotidianos diferenciados contribuem para a negação da favela; ou seja, daquilo que se apresenta como diferente. A relação entre bairros e favelas pouco se alterou ao longo do século XX, desde o surgimento das favelas, onde o bairro, a cidade legal, não quer conviver ou não quer ver a presença do estigma favela. Por sua vez, as favelas representam uma das principais formas de resistência na luta por habitação digna e pelo direito à cidade.

4.3.4. A estigmatização do favelado: favela como *locus* da violência

Ao longo do século XX, quando a presença das favelas tornou-se mais visível na cidade do Rio de Janeiro, a visão da favela perante os moradores da cidade legal e do poder público já passou por muitas transformações. Conforme já discutido no Capítulo 2, a favela passou a ser percebida pelos atores sociais dominantes a partir do século XX, em que a favela era vista como uma doença, uma patologia, algo que precisava ser retirado da paisagem urbana de uma cidade que pretendia elevar seus padrões urbanísticos e de moradia.

Conforme aponta Kowarick (1980, p.92 *apud* Chauí, 1994, p. 57), desde sua formação a favela passa por estigmas.

Sem sombra de dúvida, o padrão de moradia reflete todo um complexo processo de segregação e discriminação presente numa sociedade plena de contrastes acirrados. De uma forma mais ou menos acentuada, este processo perpassa todos os patamares da pirâmide social em que os mais ricos procuram diferenciar-se e distanciar-se dos mais pobres. Mas a favela recebe de todos os outros moradores da cidade um estigma extremamente forte, forjador de uma imagem que condensa todos os males de uma pobreza que, por ser excessiva, é tida como viciosa e, no mais das vezes, também considerada perigosa: a cidade olha a favela como uma realidade patológica, uma doença, uma praga, um quisto, uma calamidade pública.

De certa forma, a favela sempre foi vista pelos moradores da cidade legal como um problema urbano, como uma das questões urbanas mais importantes. Por vezes, a favela foi vista como foco de rebeldia, como o lugar capaz de insurgir uma revolta popular capaz de abalar a dominação burguesa, ou como foco da imoralidade, da malandragem e de uma vadiagem praticamente contagiosa (SILVA, 2008, p. 14).

Após o fim da ditadura militar e a diminuição dos riscos de uma rebelião popular, a favela passa a ser vista como foco da violência e do medo. Segundo Chauí (1994, p. 57)

os instrumentos criados para a repressão e tortura dos prisioneiros políticos foram transferidos para o tratamento diário da população trabalhadora e que impera uma ideologia segundo a qual a miséria é causa da violência, as classes ditas “desfavorecidas” sendo consideradas potencialmente violentas e criminosas.

Entendemos, portanto, que a forma encontrada pelo poder público e pela mídia para continuar o controle sobre as áreas de concentração de população pobre foi que a favela fosse vista como o principal foco da violência urbana; principalmente devido ao controle dos pontos de vendas de drogas nas favelas, justificando assim a presença de grande aparato policial com a justificativa de vigiar a atuação do tráfico de drogas.

A idéia de que a favela é preferencialmente o local de moradia do trabalhador pobre na cidade do Rio de Janeiro ficou distante, tendo a

população da cidade adquirido uma postura de medo e repúdio em relação às áreas de favela. Conforme observamos em nossas visitas a campo e ouvindo moradores de favela, a questão da violência é o que marca principalmente a relação entre o bairro e a favela; e se configura como a principal justificativa para o afastamento em relação às áreas de favela, mas não a única, pois a desordem urbana e a desvalorização imobiliária também são constantes no discurso. Esses diferentes estigmas pelo qual as favelas passaram ao longo de sua existência contribui para uma maior passividade na construção do cotidiano do favelado.

O estigma do pobre na cidade do Rio de Janeiro sempre esteve presente no imaginário social como doença, como rebeldia ou como marginalidade, e contribui para aumentar ou acirrar a distância social entre as classes sociais nos bairros da Zona Sul do Rio. Desse forma, acreditamos que haja o acirrando, também, dos conflitos e contradições que envolvem a relação entre classes. Apontamos esta situação como luta de classes, ou seja, a dominação de classes dominantes a partir da ideologia ou do simbolismo (CHAUÍ, 1994, p. 58).

4.3.5. O controle a partir da força: das incursões policiais às Unidades de Polícias Pacificadoras

Durante a década de 1990 tornou-se comum na cidade do Rio de Janeiro a mídia noticiar os problemas causados pelo enfrentamento entre a polícia e homens ligados ao tráfico de drogas, influenciada pelo aumento do poderio dos traficantes, o que vem causando um sentimento de medo e de que a cidade do Rio de Janeiro vive um clima de guerra civil. Os constantes tiroteios ocorridos devido à chegada da polícia em favelas e pela disputa por pontos de drogas entre grupos de traficantes têm dizimado muitos inocentes, principalmente moradores de favelas.

A presença policial passa a ser vista como solução para controle da ordem pública e para evitar encontros entre as classes, conforme aponta Silva (2008, p. 14), *“a função da polícia passa a ser vista pelas camadas mais abastadas como um muro de contenção ao intercâmbio de*

indivíduos e maneiras de viver, em vez de ser um meio orgânico de sua regulação”. A polícia perde seu papel de manter a ordem urbana para todos e passa a servir aos interesses das classes sociais dominantes. Na Zona Sul, esta contradição se acirra, pois a presença da classe média e média alta no entorno das áreas de contato entre os bairros e a favela afeta a população de mais alta renda, e conflitos armados ali se tornam muito mais problemáticos

Uma declaração do Secretário de Segurança José Mariano Beltrame, em outubro de 2007, apesar de muito criticada pela opinião pública, reflete um pouco esta contradição:

Buscá-los [os traficantes] na Zona Sul, no Dona Marta, no Pavão-Pavãozinho, 'eu [polícia] estou muito próximo da população'. É difícil a polícia entrar ali. Porque um tiro em Copacabana é uma coisa, um tiro na Coréia, no Alemão, é outra. E aí? Segundo o secretário, a repercussão das ações na Zona Sul do Rio é maior, já que os prédios de moradores da classe média ficam perto das favelas¹⁵

Apesar de polêmica, a declaração do Secretário de Segurança ilustra o que se pensa sobre as favelas na Zona Sul desde que coexistem com bairros de classe média e alta. Se antes a favela era vista como uma praga, uma doença, hoje ela é vista como *locus* de insegurança para todos que estão ao seu redor. Se antes a favela era ocupada predominantemente por trabalhadores pobres, hoje ela é vista como habitada predominantemente por marginais. O confronto entre traficantes e policiais afeta a todos, pois a área de contato passa a ser exposta a essa violência, e a partir do momento em que esses assuntos tornam-se predominantes no cotidiano de toda a população, a manutenção das contradições e dos conflitos está sendo realizada. Fica claro, portanto, porque as áreas de contato entre a favela e o bairro se tornaram áreas proibidas ou evitadas, conforme observamos nas conversas com moradores dos bairros.

¹⁵ Retirado do site <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL1556105606,00TRAFICANTES+ESTAO+MIGRANDO+PARA+A+ZONA+SUL+DIZ+SECRETARIO.html>

Na cidade do Rio de Janeiro e na Zona Sul, principalmente nos últimos anos, se intensificou o número de ações policiais violentas em favelas. A favela da Rocinha, que tem como vizinhos prédios de luxo e alguns dos impostos territoriais mais caros da cidade, enfrenta paulatinamente o confronto entre policiais e bandidos. Fica claro, portanto, que a ação escolhida pelo poder público e pelas classes sociais mais abastadas foi a intervenção policial violenta, que aparece como solução para a presença da classe “indesejável” nos bairros.

A solução proposta atualmente pelo poder público foi a implantação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP). O projeto tem sido implantado desde dezembro de 2008 em algumas favelas da cidade. Na Zona Sul, iniciou-se na favela Santa Marta, sendo implantado posteriormente nas favelas Chapéu Mangueira e Babilônia, Ladeira dos Tabajaras e Pavão-pavãozinho, recentemente. Fora da Zona Sul, a favela do Batam e da Cidade de Deus¹⁶, na Zona Oeste, também receberam as UPPs. A idéia da UPP é permitir a entrada do Estado nas favelas sem a presença de traficantes e marginais, permitindo assim a chegada de serviços públicos nas favelas ocupadas, assim como melhorar a imagem da polícia perante as favelas, que sempre viram-na como violenta e servindo às classes dominantes.

A chegada da UPP na favela Santa Marta foi a mais comentada pela mídia, recebendo inclusive algumas melhorias por parte do Estado e de pessoas influentes na área de comunicação. Foram construídas quadras, centros sociais, o plano inclinado (que facilitou muito a coleta do lixo), entre outras melhorias observadas. A mídia dá destaque a todas as vantagens da “nova” vida da população da favela de Santa Marta, noticiando inúmeras vezes as melhorias na favela.

Mas, na realidade, ao ouvir moradores de favela e moradores de bairro, percebemos algumas insatisfações. Os moradores da favela apontam que a chegada da polícia não trouxe ainda melhorias reais para a favela, que ainda enfrenta problemas como falta de água, lixo e falta de

¹⁶ A Cidade de Deus foi construída inicialmente na Zona Oeste da cidade na década de 1970 como um conjunto habitacional para receber moradores de favelas removidas, mas a falta de infra-estrutura urbana transformou o conjunto em favela, posteriormente.

saneamento. Os moradores afirmam que só recebem água de duas a três vezes por semana, que ainda faltam áreas de lazer e serviços bem próximos à favela. Ainda assim, apontam como melhorias a chegada do Plano inclinado para subir com cargas, e que sentem a presença do Estado mais presente na favela. Realmente, é na favela Santa Marta que percebemos maior atuação do Estado, através de serviços públicos e de saúde, ao contrário de outras favelas visitadas, como a Chácara do Céu.

Quanto ao cotidiano dos moradores de favela, a presença da UPP não trouxe grandes modificações. O cotidiano dos moradores da favela apresenta um ritmo muito diferenciado da realidade do bairro, onde as crianças ficam soltas pelas ruelas, as pessoas circulam por toda a favela, frequentam bares e a quadra no alto do morro. Este cotidiano pouco se modificou, pois a presença do tráfico estaria bastante impregnada neste cotidiano. Entra aí a questão do reconhecimento da diferença, pois em geral os “trabalhadores” do tráfico seriam pessoas do próprio morro, enquanto os policiais são pessoas “de fora”, segundo relato de um morador da favela Santa Marta.

Por parte dos moradores do bairro, as opiniões são conflitantes. Alguns moradores apontam a ocupação como algo positivo, mas geralmente no sentido de evitar a incursão policial e, conseqüentemente, os tiroteios. Outros apontam o aumento dos assaltos devido ao fim do tráfico, principalmente no Leme. É comum nas falas dos moradores do Leme o temor aos assaltos, alguns inclusive evitando certas áreas.

A maior parte dos moradores aprova a UPP, principalmente moradores de bairros onde não há favelas ocupadas. Uma moradora do Leblon afirmou que acha *“muito interessante o conceito da polícia pacificadora. O Estado precisa ocupar seu lugar perante todos os cidadãos, - moradores do 'asfalto' ou do 'morro' -, provendo serviços básicos, garantindo o cumprimento da lei, mostrando que todos têm a proteção do Estado - direitos - e, portanto, devem cumprir seus deveres”*. Um morador de Copacabana e um morador do Leblon afirmam que vêem com bons olhos, principalmente devido à liberdade que traz a UPP para os moradores da favela.

Ouvindo as pessoas, aparentemente a UPP atendeu mais a população do asfalto do que, efetivamente, à população da favela, mesmo com o que tem sido divulgado pela mídia, pois para a população da favela pouca coisa mudou, suas condições de vida continuam muito degradantes, só se modificando o agente dominante.

A presença da polícia em algumas favelas da Zona Sul também permitiu a utilização comercial da favela por parte dos moradores e por parte de outros atores sociais. A favela, livre do estigma do tráfico e da violência, se torna um lugar bucólico, moradia das classes pobres, e o favelado e seu cotidiano diferenciado se tornam, portanto, uma atração e uma “novidade”. A pobreza passa a ser explorada de outra maneira, pela sua forma e aparência.

4.3.6 – A “espetacularização”¹⁷ da pobreza: a favela como ponto turístico

Ao longo do século XX, observamos que a postura do poder público e das classes dominantes era de limpar ou retirar a favela da paisagem carioca. A favela sempre foi rejeitada como paisagem, como área negada e proibida, conforme a música que citamos no início do Capítulo 3, em que o autor, morador de favela, fala *“nunca vi cartão postal que se destaque uma favela, só vejo paisagem muito linda e muito bela”*. A favela era a “vergonha” da paisagem carioca.

Atualmente, observamos uma mudança quanto a essa postura. O discurso remocionista perdeu a força, e surge um discurso que aponta a

¹⁷ Com o termo espetacularização buscamos expressar a idéia da pobreza tornada espetáculo, assim como afirma Debord (1997), “o espetáculo, compreendido na sua totalidade, é simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele não é um complemento ao mundo real, um adereço decorativo. É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o *modelo* presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha *já feita* na produção, e no seu corolário — o consumo. A forma e o conteúdo do espetáculo são a justificação total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo é também a *presença permanente* desta justificação, enquanto ocupação principal do tempo vivido fora da produção moderna”.

favela como um local bucólico, a pobreza se torna um espetáculo, uma nova forma de apropriação de capital. A favela, seu morador e seu cotidiano passam a “estar na moda”, e não somente as favelas que possuem UPPs, mas também favelas grandes como a Rocinha.

Surge o turismo na favela, onde se vendem pacotes com *tour* a várias favelas da cidade do Rio de Janeiro, vendendo a paisagem da favela e a pobreza como atração turística. Filmes, novelas e clipes gravados em favelas onde não há tráfico, mostrando a vida e as dificuldades enfrentadas, além do próprio discurso da mídia, colaboram para despertar a curiosidade sobre a vida do favelado e incluem a paisagem da favela e o cotidiano do favelado no imaginário da cidade do Rio de Janeiro.

Observamos, portanto, nesta situação, a apropriação da pobreza de outra forma, apropriação a partir do imaginário, do simbolismo e da ideologia. Olhar para o pobre se torna “politicamente correto”, e torna-se senso comum observá-lo como espetáculo. Outro fator que gera curiosidade é a distância social e os contrastes, conforme afirma Fernandes (2001), *“o choque entre a modernidade da metrópole carioca (incluindo aí, também, os seus apelos naturais) com a miséria exposta nas favelas foi o eixo condutor para a exploração turística da Rocinha”*. Tais contrastes são mais profundos na Zona Sul, conforme nossa discussão anterior.

Na Zona Sul, esta apropriação se torna mais clara, pois todas as favelas exploradas pelo turismo estão nessa área, assim como o turista de alta renda, estrangeiro, instala-se preferencialmente na Zona Sul.

Trata-se, portanto, de um conflito, pois se não é possível retirar a favela, ou retirar o pobre da paisagem da cidade, a solução encontrada foi se apropriar da pobreza pela dominação simbólica. E este conflito se agrava, porque a solução não veio de dentro da favela, e, em geral, não gera nenhum tipo de renda para os moradores de favela. Os atores sociais envolvidos, muitas vezes, nesta apropriação econômica são de fora da favela, geralmente empresas de turismo que oferecem *tours* em favelas a valores muito elevados.

Na Zona Sul, as favelas que recebem *tours* são aquelas que estão ocupadas pela UPP, como Santa Marta e Chapéu Mangueira, além da favela Tavares Bastos, onde existe a presença de um batalhão especial da Polícia Militar, e a favela Vila canoas, onde não existe a presença do tráfico. Somente a Rocinha, pela sua grandiosidade, recebe *tours* diariamente, mesmo com a presença do tráfico. Vale ressaltar que esse *tour* é controlado, vigiado, não sendo possível tirar fotos em todos os lugares da favela.

Algumas vezes, os atores que oferecem esse serviço são de dentro das favelas, como é o caso de alguns moradores da favela Santa Marta e da Rocinha que se aproveitaram do fato dos moradores de bairro estarem freqüentando as favelas, como possibilidade de aumento da renda, conforme afirma um morador da Rocinha, dono de salão de beleza na favela, o qual nos contou que moradores de diversos bairros da Zona Sul freqüentam o salão, devido ao preço dos serviços; ou como o morador do Santa Marta, que está oferecendo *tours* pelo Santa Marta por um preço abaixo do oferecido pelas empresas de turismo.

Observamos que atualmente a difusão dos meios de comunicação e do discurso da pobreza como espetáculo tem difundido largamente as possibilidades de exploração da pobreza. *Sites* na Internet oferecem muitas possibilidades de visitas a favelas, assim como vídeos no *site Youtube* (Figura 29) mostram a paisagem da favela, mostrando para os visitantes as particularidades da paisagem e da vida na favela. A *Jeep Tour*, por exemplo, uma das empresas que faz o visitas na Rocinha, divulga em seu *site* seus objetivos.

A Jeep Tour é uma empresa de turismo totalmente voltada para o Eco-Turismo com a consciência de que é possível a integração Homem x Natureza em total harmonia. Nossos passeios dão ao turista a noção exata desta simetria ecológica. Todas nossas rotas foram criadas para proporcionar ao nosso passageiro uma visão geral do que realmente significa viver numa cidade maravilhosa. Com uma visão 360º o turista pode usufruir de toda a beleza do Rio de Janeiro.

Interessante constatar que as favelas são vistas como inseridas na paisagem da cidade, e que representam, para a empresa, a integração total entre o homem e a natureza, em total harmonia. As empresas oferecem a favela como um produto, além da alegria, solidariedade e receptividade dos moradores da favela, conforme anúncio na Figura 29. É exatamente esta a imagem que fica para o turista, com o pobre como solidário e receptivo, satisfeito com as suas condições de vida, conforme depoimento de um casal de israelenses postado no site da *Jeep Tour*: *“Foi um tour muito interessante e emotivo, as pessoas eram amistosas e nós sentimos o orgulho deles por pertencer à comunidade da Rocinha”*.

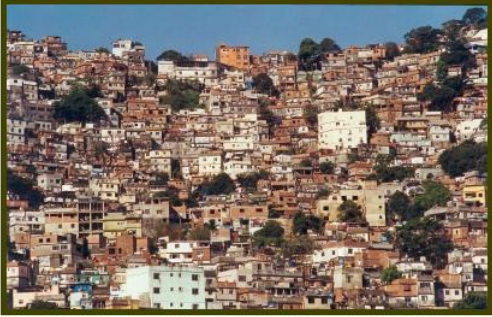
De certa forma, a expansão desse tipo de turismo traz vantagens, pois quebra o estereótipo da favela como local da violência e da marginalidade, pois permite a visualização da favela “por dentro”, além da diminuição do estranhamento de cotidianos tão diferentes¹⁸.

¹⁸ Segundo a revista Época, a favela “ganha” com o turismo porque fica menos estigmatizada, mas os lucros ficam mesmo para as empresas que oferecem o serviço. Conforme afirma um inglês que fez o passeio, *“achei que era um lugar de pobreza extrema, mas percebi que é só gente pobre normal tentando viver sua vida da melhor maneira possível. O que mais me impressionou foi a auto-suficiência do lugar”*. Fonte: http://epoca.globo.com/especiais_online/2003/08/25_epuc/17favela2.htm

Figura 29 – Tour na favela da Rocinha - 2009

Roteiro

Favela



Favela

As favelas hoje fazem parte da conhecida realidade dos grandes centros urbanos.

A primeira favela surgiu há 106 anos, no Morro da Providência, na cidade do Rio de Janeiro, construída para os soldados sobreviventes da Guerra dos Canudos, como uma espécie de gratidão pelos serviços prestados ao Brasil.

Em 1948, o primeiro censo oficial das favelas, revela a presença de 105 favelas, abrigando 138.837 moradores, correspondendo a 7% da população do Rio de Janeiro.

Neste roteiro a Jeep Tour tem como objetivo mostrar a alegria, solidariedade e receptividade por parte dos moradores da comunidade carioca.

Conhecemos neste tour toda a rotina da comunidade caminhando por suas ruas, becos e casa a qual podemos desfrutar de vista panorâmica digna de cartão postal e conhecer obras de artes feitas pelos próprios moradores revelando todo o talento do artesanato local.

Mínimo de paxs: 2
Horário de Saída: 9:00 am // 02:00 pm
Duração: 3 horas

Reservas

Faça sua reserva

Faça já a sua reserva!

- Você pode fazer reservas através do link abaixo e desfrutar dos prazeres deste roteiro e de muitos outros.
- Faça a reserva deste roteiro [aqui](#)
- Faça a reserva de outros roteiros [aqui](#)

Clique aqui para enviar uma mensagem. Telefones para contato: (21) 2108-5800 e Fax (21) 2108-5818

Fonte: site jeeptour.com.br

A imagem mostra o anúncio do tour na favela da Rocinha, realizado pela empresa Jeep Tour, trazendo dados sobre as favelas no Rio de Janeiro, além da formação e da população que vive em favelas.

Foto 30 – Vídeo de divulgação Vila Canoas – 2006



Fonte: site Youtube.com

A imagem mostra um vídeo demonstrativo, com anúncio em inglês, da favela Vila Canoas, uma favela localizada no bairro de São Conrado. O turismo tem sido explorado na favela, já que não tem atividade de tráfico na área.

O turismo em áreas de favela corresponde, portanto, a uma nova forma de exploração do capital, mesmo que traga algumas vantagens para a população moradora de favela. De certa forma, o morador faz parte desse produto que está sendo vendido, pois mais do que a paisagem, o turista está pagando para ver a vida do pobre, como ele (sobre)vive sob determinadas condições sociais e financeiras. Constitui-se, portanto, como uma contradição na relação entre as classes, visto que as condições sociais sob as quais o pobre urbano vive são conseqüências da estrutura econômica, que surge a partir das relações sociais de produção do sistema capitalista.